BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO • BRASIL



ANO XXXVI • FEVEREIRO DE 1961 • N.º 408



Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Editado, mensalmente, pela SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ, em continuação à "Revista do Instituto do Café do Estado de São Paulo")

Sede: Rua 15 de Novembro, 111 - 19.º and.

SÃO PAULO - BRASIL

ANO XXXVI	FEVEREIRO DE 1961	N.º 408

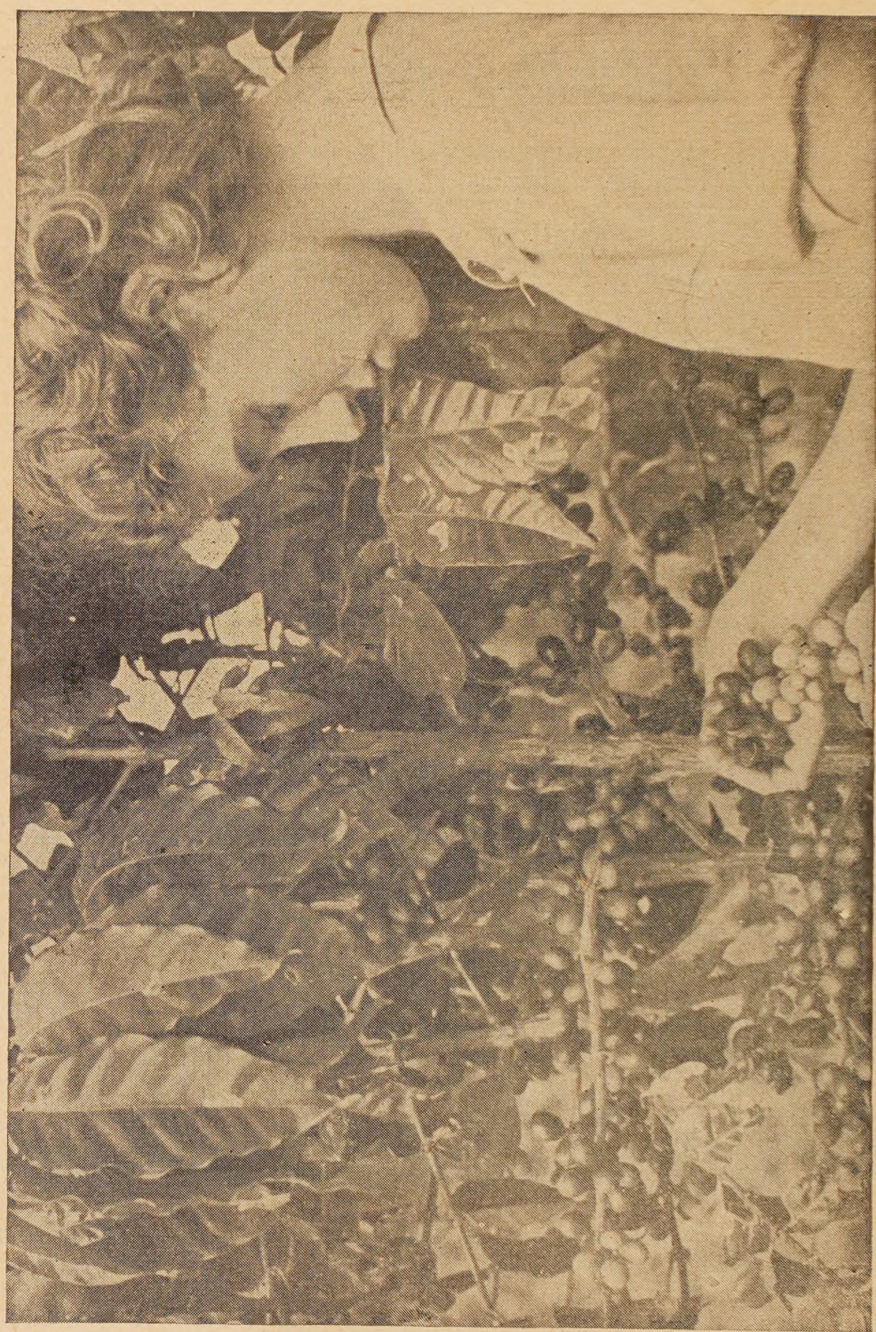
Sumário

COLABORAÇÕES:

RESUMO E TRANSCRIÇÕES:

Atos Oficiais:

ESTATÍSTICAS:



De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, êste Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

ERRATA

Retificamos a legenda da capa dêste Boletim para:

ADUBAÇÃO DE CAFÈZAL — A adubação química é uma prática evoluída da agricultura e constitui um dos fatôres que tem concorrido para a manutenção da boa formação e produção do cafèzal. Embora seja dispendiosa, em relação aos gastos da cultura cafeeira, dentro de poucos anos, será possível, nas regiões mais indicadas do país, fazer-se cafeicultura econômica com adubação química corretamente indicada. A foto mostra um ensaio de adubação do Instituto Agronômico de Campinas. É interessante observar que a parcela sem adubação, à esquerda, mostra, desde já, os sintomas de deficiências.

A Redação

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDERÊÇO



ESTUDO DA PRODUÇÃO DE PROGÊNIES DE CAFÉ

J. L. Vasconcelos Rocha (Eng. agrônomo, Estação Experimental "Hélio de Moraes", Jau) e

A. Carvalho (Eng. agrônomo, Secção de Genética, Instituto Agronômico, Campinas)

(continuação)

RESULTADOS OBTIDOS — PRODUÇÃO

Os dados de produção relativos ao primeiro lote de progênies acham-se no quadro 1. Na parte inferior dêsse quadro as progênies foram reunidas por variedades. Devido à ocorrência de falhas, o número médio de plantas por progênie para o grupo de **Bourbon Vermelho** foi de 18 e, neste grupo, salientaram-se a progênie 657 e a população híbrida F_2, H 289-15, com produções médias por progênie, de 17,47 e 16,53 kg de café cereja, respectivamente, no período de 7 anos. Para o cálculo da produção média levou-se em conta o número de plantas vivas após os 7 anos de produção. O número médio de plantas por progênie da variedade **Maragogipe** foi de 18 e as três progênies mostraram-se muito pouco produtivas, o mesmo ocorrendo com a combinação **Laurina-Maragogipe.** Também revelaram-se muito pouco produtivas as progênies de **Typica**, nas quais o número de falhas foi elevado (n.º médio de plantas por progênie de 17). Neste primeiro lote, destacaram-se das demais tôdas as progênies do café Mundo Novo, com produções médias muito mais elevadas e menor número de falhas (n.º médio de plantas de 19). Dentre elas há a assinalar as de prefixos JP 378 e JP 387, com 28,10 e 26,22 kg de café cereja, respectivamente. Considerando a produção média geral das progênies de cada variedade, nota-se que a do Mundo Novo é exatamente o dôbro da produção de **B. Vermelho** e três vêzes maior que a do **Nacional** e **Maragogipe.** Por se tratar de material mais promissor, todo o conjunto de progênies **Mundo Novo** continuou a ser colhido individualmente, por mais 5 anos (1953-1957), obtendo-se os dados do quadro 6, os quais podem ser comparados com os do quadro 1. Vê-se que as duas melhores progênies JP 378 e JP 387 permaneceram, depois de 12 anos, nas mesmas colocações, enquanto as menos produtivas também confirmaram a sua classificação. O coeficiente de correlação entre as produções aos 7 e aos 12 anos é de 0,90, indicando que a seleção baseada na produção média das progênies poderia ter sido feita após os 7 primeiros anos de produções.

Quadro 1 — Produção média, em kg de fruto maduro, no período 1946 a 1952, sua variabilidade e limites de confiança, do lote de progênies plantado em 1944, em Jaú

Progênie	Produção média	Graus de liberdade	Êrro da média	Dif. mínima significativa	Limites de confiança	Sementes			Peneira média
						Chato	Moca	Concha	
Bourbon Amarelo	kg		kg	kg	kg	%	%	%	
H 1040	12,95	19	1,2923	2,2343	10,72 – 15,18	80,4	16,6	3,0	17,24
H 1041	12,68	18	0,8325	1,4436	11,24 – 14,12	82,8	12,9	4,3	16,96
H 1047	12,96	18	0,8885	1,5407	11,42 – 14,50	83,2	13,6	3,2	17,04
44–17...................	7,93	17	0,9227	1,6055	6,31 – 9,54	76,8	18,7	4,5	17,96
H 144–2	13,88	15	1,8815	3,2983	10,58 – 17,18	77,4	17,4	5,2	17,50
189......................	11,94	16	1,1662	2,0362	9,90 – 13,98	81,9	16,0	2,1	16,92
357–20..................	13,17	17	1,0050	1,7487	11,42 – 14,92	79,3	19,2	1,5	16,60
365–2....................	15,57	13	0,9048	1,6024	13,97 – 17,17	81,8	16,0	2,2	16,57
370–1....................	13,29	16	1,0344	1,8061	11,48 – 15,10	82,6	16,5	0,9	16,54
H289–15	16,53	14	1,3304	2,3429	14,19 – 18,87	82,2	15,6	2,2	16,69
H289–16	13,26	18	0,6665	1,1557	12,10 – 14,42	80,5	17,4	2,1	16,90
370–4....................	12,67	18	0,8479	1,4703	11,20 – 14,14	86,0	12,8	9,2	16,66
491......................	10,71	16	1,0583	1,8478	8,86 – 12,56	82,7	15,0	2,3	16,97
496......................	12,55	19	0,7416	1,2822	11,27 – 13,83	82,8	15,0	2,2	16,66
657......................	17,47	18	1,0677	1,8514	15,62 – 19,32	80,7	15,6	3,7	17,14
46–9.....................	14,58	18	1,1091	1,9232	12,66 – 16,50	85,0	12,4	2,6	16,69
Maragogipe									
51–1.....................	5,89	17	0,4503	0,7835	5,11 – 6,67	85,0	12,7	2,3	20,18
250–3....................	10,17	17	0,7454	1,2970	8,87 – 11,47	84,1	11,0	4,9	18,18
300–7....................	10,00	17	0,7141	1,2425	8,76 – 11,24	82,9	14,7	2,4	19,72
Marag-Laur.									
54–13....................	7,74	18	0,7837	1,3589	6,38 – 9,10	88,0	10,7	1,3	19,09
Typica									
10–1.....................	8,79	18	0,5591	0,9695	7,82 – 9,76	82,7	15,4	1,9	18,04
10–8.....................	10,84	18	0,8532	1,4794	9,36 – 12,32	83,5	13,4	3,1	17,62

Quadro 1 — Produção média, em kg de fruto maduro, no período 1946 a 1952, sua variabilidade e limites de confiança, do lote de progênies plantado em 1944, em Jau

(continuação)

Progênie	Produção média	Graus de liberdade	Êrro da média	Dif. mínima significativa	Limites de confiança	Sementes			Peneira média
						Chato	Moca	Concha	
	kg		kg	kg	kg	%	%	%	
10–19	10,91	11	0,9535	1,7125	9,20 – 12,62	84,9	13,3	1,8	17,76
10–20	6,41	16	0,6141	1,0722	5,34 – 7,48	82,7	15,5	1,8	17,53
542–11	9,63	15	0,7758	1,3600	8,27 – 10,99	81,0	17,2	1,8	17,00
543–7	6,03	15	0,7965	1,3963	4,63 – 7,43	83,5	15,0	1,5	17,64
544–2	7,80	14	1,0817	1,9049	5,90 – 9,70	85,9	12,8	1,3	17,27
599–3	10,46	19	0,8255	1,4273	9,03 – 11,89	84,0	14,4	1,6	17,12
Mundo Novo									
JP 374	24,25	19	1,4422	2,4936	21,76 – 26,74	80,7	14,3	5,0	17,32
JP 375	22,60	19	1,3892	2,4019	20,20 – 25,00	82,7	14,6	2,7	17,05
JP 376	23,95	19	1,6062	2,7771	21,17 – 26,73	80,0	14,1	5,9	17,05
JP 378	28,10	19	1,5395	2,6618	25,44 – 30,76	81,7	14,2	4,1	17,26
JP 379	23,30	19	2,0785	3,5937	19,71 – 26,89	81,9	15,4	2,7	17,23
JP 380	24,53	16	1,7972	3,1379	21,39 – 27,67	83,1	14,0	2,9	17,35
JP 381	24,15	19	1,9026	3,2896	20,86 – 27,44	79,0	16,2	4,8	17,45
JP 384	18,20	14	2,4960	4,3955	13,80 – 22,60	80,9	15,8	3,3	17,70
JP 385	25,95	19	1,7263	2,9848	22,97 – 28,93	80,9	15,2	3,9	17,45
JP 386	22,05	19	1,6310	2,8200	19,23 – 24,87	78,7	18,2	3,1	17,85
JP 387	26,22	18	1,1916	2,0662	24,15 – 28,29	79,0	15,9	5,1	17,52
JP 388	25,21	18	1,4560	2,5247	22,69 – 27,73	85,3	11,8	2,9	17,23
Bourbon Vermelho	**12,48**	284	**0,3913**	**0,6456**	**11,83 – 13,13**	—	—	—	—
Maragogipe	**8,69**	53	**0,4577**	**0,7657**	**7,92 – 9,46**	—	—	—	—
Typica	**8,33**	133	**0,3254**	**0,5405**	**7,79 – 8,87**	—	—	—	—
Mundo Novo	**24,14**	228	**0,4808**	**0,7948**	**23,35 – 24,93**	—	—	—	—

(Continua no próximo Boletim)

RELATÓRIO DE VIAGEM DE ESTUDOS À COLÔMBIA

ADOLFO CHEBABI
Eng. agrônomo

Relatório apresentado pelo engenheiro-agrônomo Adolfo Chebabi, que participou da PRIMEIRA REUNIÃO TÉCNICA INTERAMERICANA DE CAFÉ, realizada em Bogotá, de 24 a 31 de julho do ano passado, na qualidade de observador, especialmente designado pela Divisão de Assistência Técnica Especializada do Departamento da Produção Vegetal da Secretaria da Agricultura de São Paulo.

Formaram a representação técnica brasileira mais os seguintes engenheiros agrônomos especializados: José Bousquet Berredo e Antônio Yversson do Instituto Brasileiro do Café; Walter Onofre Heinrich, do Instituto Biológico; e Alcides Carvalho, do Instituto Agrônomico de Campinas.

A Reunião teve como objetivo discutir os meios para melhorar a eficiência da produção cafeeira e intensificar a cooperação interamericana na solução de problemas técnicos. Deu-se ênfase, nos debates, aos seguintes assuntos: solo, clima, taxonomia e melhoramento do cafeeiro; fisiologia, doenças e pragas; semeação e práticas culturais, tais como poda, espaçamento, sombreamento, adubação e uso de ervicidas; eficiência e diversificação da produção, preparo do café e aproveitamento dos subprodutos; extensão e assistência técnica; ensino e intercâmbio científico; métodos de investigação e cooperação entre países cafeeiros.

TRABALHOS DESENVOLVIDOS

Ao invés de relatar o programa desenvolvido na Reunião, juntamos a êste completo relatório fornecido pela FAO, pelo Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas e pela "Federación Nacional de Cafeteros".

Além do programa oficial, de que participamos na íntegra, tivemos oportunidade de desenvolver várias atividades extras com o objetivo de melhor conhecer e avaliar a realidade cafeeira colombiana, entre as quais destacamos: visita à Estação de Naranjal e ao Centro Chinchiná, mantidos pela "Federación Nacional de Cafeteros", inspeção a diversos cafèzais da mesma zona e também da região de Cundinarca.

Julgamos ter aproveitado nossa estada com bastante efetividade, fato que nos autoriza, cremos, a tecer algumas considerações sôbre o que nos foi dado observar no país visitado, correlacionando essas observações com os problemas cafeeiros de São Paulo.

Antes, todavia, de entrarmos na análise dos problemas, desejamos colocar em evidência a conclusão genérica oriunda dos trabalhos dessa proveitosa PRIMEIRA REUNIÃO INTERAMERICANA DE CAFÉ: a palavra de ordem para a cafeicultura da América Latina é o AUMENTO DA PRODUÇÃO POR UNIDADE DE ÁREA CULTIVADA, vale dizer do rendimento agrícola — que é a melhor arma do produtor para vencer uma conjuntura sabidamente

desfavorável, comercialmente. E lembrar-se de que, em São Paulo, além dêsse alvo, temos um outro igualmente relevante para a consolidação econômica de nossa lavoura cafeeira, que é o da necessidade premente de apresentarmos ao mercado, e em grande volume, um produto de melhor qualidade.

Sabemos não conter essa nossa assertiva nenhuma novidade, mas quando se inteira, "de visu", do esfôrço da nação dos "milds" para a solução de seus problemas — é que verificamos como ainda estamos longe de dar aos nossos problemas o justo e decisivo equacionamento que êles estão por merecer. Procuraremos, a seguir, fazer rápida apreciação dos aspectos mais importantes da cafeicultura da Colômbia, para, afinal, sugerir, data vênia, algumas medidas capazes de contribuir para a reformulação de nossa política de café, no terreno agronômico e prático.

ASPECTOS TÉCNICOS

Padrões vegetais: — Constatamos a existência, nas regiões visitadas, dos mesmos padrões vegetais comuns em São Paulo, tais como "Ipê roxo", "Ipê amarelo", "Cedro", "Capixingui", "Urtigão", "Guaxuma", "Marmelada de cavalo", "Carrapicho beiço-de-boi", "Trapoeraba", "Flor de São João", "Picão" e "Pau pólvora", entre outros.

Solo: — As terras são férteis, à primeira vista iguais ou mesmo superiores a melhores terras cafeeiras paulistas.

Clima: — Nas regiões cafeeiras colombianas, a temperatura sofre menor oscilação que em nosso Estado, nas diversas estações do ano; a queda e a distribuição pluviométricas são extremamente favoráveis à vegetação e à produção dos cafeeiros. Em conseqüência, a maturação dos frutos, embora tenha dois períodos nos quais ela se acentua, se faz lentamente por um largo período do ano. Os dados seguintes mostram o quadro pluviométrico colombiano, nas regiões cafeeiras:

a) Período anual de chuva: entre 200 e 300 dias.

b) Queda pluviométrica: entre 2.000 e 3.000 mm.

c) Mês mais sêco, normalmente agôsto, com 40 mm.

d) Temperatura variável entre 11.ºC e 30.ºC.

Topografia: — Os colombianos reservam suas poucas terras planas para o cultivo de cereais de inverno e cana de açúcar, respectivamente, em savana de Bogotá e o Vale do Cauca; no mais, em altitudes entre 700 e 2.000 metros, predominam as terras montanhosas nas quais sòmente é possível, econômicamente, a exploração cafeeira. Em São Paulo, terrenos com tal declive são, via de regra, considerados "impróprios" para a rubiácea — mas é dessas terras que sai, anualmente, o volume de 7.500.000 sacas do melhor café que o mercado consumidor recebe.

Métodos de cultivo: — Os cafèzais são instalados debaixo de sombra, uma planta por cova. Para facilitar a colheita, os cafeeiros são decepados à altura de 1,60 m. O problema da erosão é superado deixando-se o solo quase permanentemente coberto com vegetação rasteira, para tanto executando-se apenas 2 ou 3 "limpias" por ano — entende-se por "limpia" a coifa do "mato" a facão. Há a tendência generalizada de reduzir a sombra, sem eliminá-la de todo e também está tendo aceitação a técnica de decepar o cafeeiro a 20 centímetros do solo, com o objetivo de provocar o rejuvenescimento das plantas. Neste caso, deixa-se desenvolver 4 a 5 "chupones" — situação que, de certo modo, reproduze o nossos sistema de 4 pés por cova. Por outro lado, é digno de especial registro a moderna preocupação pelo incremento da adubação química completa e parcelada, que vai assim superando (como acontece entre nós) o interêsse pelos adubos orgânicos. Entre êstes, todavia, ocupa lugar de destaque a prática de devolver ao solo do cafèzal a polpa oriunda do despolpamento.

Variedades: — Cultiva-se quase que tão sòmente o café comum ou nacional. Recentemente, há bastante interêsse pela variedade "caturra", cujas produções têm sido muito altas, sem até agora — ao menos aparentemente — apresentar os defeitos que a tornam pouco recomendável para a maior parte das regiões cafeeiras de São Paulo.

Colheita: — Reside neste particular a grande arma dos cafeicultores colombianos sôbre o sistema paulista. A lenda maturação conduz a uma verdadeira catação dos frutos "cereja", pràticamente grão a grão. — Seria inexeqüível, lá, a prática da derriça. E daí, tornar-se igualmente compulsório o preparo por via úmida. A par do enorme encarecimento dessas operações, se comparadas ao nosso método, a verdade é que os colombianos devem, em grande parte, a essa contingência o absoluto domínio do mercado em razão da conhecida qualidade de seu produto.

(Continua no próximo Boletim)



Para baratear o custo da abertura de covas para café em terreno não muito acidentado, pode empregar-se um sulcador exatamente sôbre a linha de contôrno em que vão ser plantadas as mudas de café. O sulcador de cana-de-açúcar é muito útil para a execução dêsse trabalho. Feito o sulco, repostas as estacas que marcavam as covas em seus lugares, com pequeno esfôrço manual se aprofundam mais as covas, para terminá-las.

Resumos e Transcrições

Aspectos econômicos da Cafeicultura Paulista

Rubens Araujo Dias
Eng. agrônomo

(Palestra que constou do programa do Curso Sôbre Produção, Industrialização e Comercialização do Café, realizado no Centro de Debates Agronômicos da Sociedade Paulista de Agronomia)

(continuação do Boletim anterior)

SIGNIFICADO DA QUEDA DE RENDA REAL DA CAFEICULTURA

O café constitui a principal exploração do setor agrícola de S. Paulo e vem há várias décadas constituindo-se como o esteio não sòmente dêsse setor, mas também da economia do Estado. Basta citar que das 243 mil propriedades agrícolas existentes no Estado, 105 mil, ou seja 43%, se dedicam com maior ou menor intensidade a êsse cultivo e que essas propriedades ocupam uma área de 121 mil quilômetros quadrados,



aproximadamente, metade do Estado de São Paulo.

No entanto, ùltimamente tem diminuido a importância do café em nossa agricultura. No período mais recente que estamos analisando, sua participação na renda bruta da agricultura que foi em média de 32,4% no qüinqüênio de 1948/52 e chegou a atingir 42,3% em 1954, decresceu, nos últimos anos, para 35,2 em 1957, 26,8% em 1959 para, provàvelmente, se situar em tôrno de apenas 20% no corrente ano. Essa menor participação deve-se não ùnicamente à queda verificada na renda do café, mas também à crescente importância de outros produtos da nossa agricultura — gado, cereais etc. — que têm sido favorecidos pelo alargamento que vem ocorrendo em nosso mercado interno. Mas assim mesmo e principalmente por se tratar o café de importante "cash crop", em que quase a totalidade de sua produção é comercializada, o que não acontece com uma série de outros produtos agrícolas, a queda em sua renda causa uma diminuição ponderável na receita, em dinheiro, da agricultura. É assim afetado de forma sensível o volume global dos negócios do comércio e indústria, tanto no interior do Estado como na capital. Aliás, a êsse respeito, não é difícil fazer-se uma idéia da perda para a lavoura de um poder de compra equivalente a perto de 10 bilhões de cruzeiros, que foi a que ocorreu no ano anterior para êste.

De outro lado, com a crescente importância do mercado interno para outros produtos agrícolas, a agricultura poderá, com maior facilidade que em outras crises (como a dos 30), se adaptar a essa situação, desviando recursos ora aplicados no café, para êsses outros produtos que estão sendo requeridos em escala cada vez mais ampla.

A repercussão da perda de renda da cafeicultura na economia do Estado já é bem menor, principalmente hoje em dia, em vista da intensa fase de industrialização por que está passando o Estado de São Paulo. Haja visto que em 1950 a renda do café correspondia a cêrca de 16,5% da Renda Interna de São Paulo. Em 1956, a participação do café já tinha diminuído para 10%. Em 1958, último ano que se dispõe dos dados da Renda Interna, elaborados pela Fundação Getúlio Vargas, o café contribuiu com apenas 7.5%. Essa tendência pode ser explicada tanto pela perda ocorrida no setor cafeeiro, como pela rápida ascenção industrial que se está verificando na economia paulista.

A importância do café na economia do Brasil, não pode ser ùnicamente medida pela participação que tem na Renda Nacional. Isso porque êle tem sempre sido o principal fornecedor de receita cambial. Haja visto que o café forneceu no qüinqüênio de 1955/59 60,6% de nossas cambiais. Em períodos anteriores, sua contribuição tinha alcançado 65,8% no período de 1950/54 e 41,2% no de 1945/49.

A êsse mesmo respeito, pode-se acrescentar que, ùltimamente, pequena tem sido a variação na contribuição, em valores absolutos, dos outros produtos. Pelos dados apresentados no quadro VII pode-se verificar que êsses produtos nos últimos 15 anos propiciaram uma receita cambial entre 500 a 600 milhões de dólares e isso de uma maneira bem regular. A variação na receita total do País é pois direta-

mente influenciada pela que é fornecida pelo café. Assim, com as baixas ocorridas nos preços do produto, vem se verificando uma queda mais ou menos contínua em nossa receita cambial. Há cêrca de um ano como já vimos, verificou-se uma paralização nesse sentido, em grande parte motivada pela política cafeeira adotada. Um novo movimento baixista

Quadro VII

VALOR DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS EM MILHÕES DE DÓLARES

Média de qüinqüenios e anos	Café	Outros produtos	Total
Média 1945/49	423	587	1.010
Média 1950/54	1.002	527	1.529
Média 1955/59	828	536	1.529
1955	844	579	1.423
1956	1.030	452	1.482
1957	846	546	1.392
1958	688	555	1.243
1959	733	549	1.282

Fonte: Ministério da Fazenda.

nas cotações externas de café poderia vir a afetar sensìvelmente a nossa receita cambial, provocando sérios distúrbios em nossa capacidade de importar, o que hoje é essencial para a continuação do desenvolvimento econômico do País. Verifica-se, assim, que a repercussão de dificuldades do setor cafeeiro sôbre a economia do País pode ser bem séria dependendo da política que fôr adotada a êsse respeito pelo poder central.

Outro ponto que deve ser destacado é o referente aos subsídios que o café tem fornecido à economia do País, através da diferença entre a taxa real de câmbio e a que os exportadores efetivamente recebem. Até 1953, quando pela instrução n.º 70 da SUMOC foi estabelecido o sistema de ágios e bonificações, o subsídio que o café fornecia era atravéz de uma transferência de renda para as atividades que se beneficiavam de uma taxa cambial de importação mais favorável. Depois da instrução 70, o Govêrno Federal passou a reter uma parte dêsse subsídio, isso porque a diferença entre os ágios recebidos e as bonificações pagas passou a constituir o "saldo dos ágios", cujos recursos são aplicados pelo Govêrno em várias finalidades, inclusive ùltimamente, para pôr em execução a própria política cafeeira com a compra de excedentes. Segundo estimativa feita pelo Eng.º Agr.º Ruy Miller Paiva (Artigo publicado na Fôlha da Manhã de 11-10-1959), baseada em trabalhos elaborados pela fundação Getúlio Vargas, a contribuição do café para êsses recursos atingiu, no período de 1947 a 1958, cêrca de 959 bilhões de cruzeiros, a preços de 1958, ou seja uma contribuição de 79,9% bilhões por ano, destinados a subsidiar outras atividades. É preciso salientar que se trata de computação teórica, na qual o cálculo de subsídio se baseou, não entre a diferença entre o câmbio — café e o livre que, em grande parte do período analisado

era um mercado bastante restrito, mas entre o câmbio-café e um "câmbio de equilíbrio" que melhor representasse a efetiva relação de troca entre o cruzeiro no Brasil e o dólar nos Estados Unidos. Assim, aquêles resultados servem apenas para nos dar uma noção teórica da grandeza dos subsídios fornecidos pelo café à nossa economia. Para melhor avaliação do montante dêsses recursos, salienta-se que o total das receitas orçamentárias da União, expressas também a preços de 1958, nesse mesmo período (1947 a 1958) totalizou 988 bilhões de cruzeiros, o que daria uma receita média anual de 82,3 bilhões de cruzeiros. Vê-se assim que os subsídios que o café forneceu, nesse período, à economia brasileira equivalem pràticamente às receitas orçamentárias da União.

É verdade que, atualmene, com a elevação do dólar-café e com os elevados gastos em aquisições dêsse produto, o total efetivamente confiscado deve ser de proporções menores, mas de qualquer modo, o café tem fornecido vultuosos recursos a outros setores de nossa economia e ao Govêrno, favorecendo decisivamente o atual custo de desenvolvimento econômico.

REFLEXOS DA QUEDA DA RENDA NA CAFEICULTURA DE SÃO PAULO

Para se ter uma idéia mais precisa dos reflexos que terá sôbre a cafeicultura a redução de suas rendas, é necessário que se procure inicialmente retratar qual a estrutura dessa lavoura e quais os principais fatôres econômicos atuantes.

Antes, porém, convém ressaltar que essa situação de queda de renda não é passageira. Tendo mesmo a se agravar a menos que ocorram fatôres imprevisíveis — condições climáticas altamente desfavoráveis, modificações drásticas da política cafeeira etc. Isso porque o maior plantio realizado não só em São Paulo, mas também em outras regiões, principalmente no Norte do Paraná, e em outros países deverá levar a ainda maiores produções que as assinaladas até aqui. No Estado de São Paulo, segundo elementos fornecidos por pesquisa recentemente realizada, se registra, mesmo admitindo-se uma diminuição no ritmo de plantio e um abandono razoável (50 milhões de pés por ano), uma nítida tendência de aumento na produção, estando prevista para o período de 1964/65 uma colheita média de 15,4 milhões de sacas (níveis médios de produção no qüinqüênio de 1930/34, quando São Paulo produziu suas colheitas recordes). No Paraná, a tendência é para produções ainda mais significativas e também nos demais países produtores vem se registrando um contínuo crescimento no total produzido.

Assim, só se prevendo produções mais elevadas e portanto maiores acumulações de estoques, o problema da defesa dos preços internos do café será ainda mais grave, resultando provàvelmente em menores preços reais.

Ademais, é preciso considerar que a economia de nosso país está em regime de permanente inflação, de modo que os custos de produção para os agricultores não deixam de elevar-se, mesmo a despeito de queda na renda do café. Essa situação, sem dúvida, ainda agrava mais a situação da cafeicultura.

Cabe, pois, indagar como a cafeicultura paulista reagirá a essa situação. Deverá haver uma grande erradicação de lavouras pouco produtivas? Deverão ser formadas novas lavouras? Existe uma série de

indagações a êsse respeito. Para uma melhor apreciação é indispensável que se conheçam com maiores detalhes os pontos críticos da atual estrutura da nossa lavoura de café. Hoje contamos com um acervo de trabalhos bem grande a êsse respeito. A Divisão de Economia Rural vem realizando periòdicamente uma série de pesquisas e em 1958 colaborou ativamente com as organizações das Nações Unidas — a FAO e a CEPAL — e o IBC em um amplo estudo sôbre a Economia da Produção Cafeeira em nosso Estado. Baseados nesses conhecimentos, procuraremos salientar as principais características dessa exploração, focalizando os seus pontos críticos, principalmente em face da atual situação.

Disponibilidade de Terras

O primeiro ponto que deve ser considerado é que, contrariando uma tendência histórica, o café, para permanecer em São Paulo, tem de voltar às zonas velhas. Até agora, a renovação em massa de cafeeiros só se fazia pela abertura de novas zonas, com a derrubada e o plantio em terras virgens. Hoje, por São Paulo não mais dispor dessas terras, êsse ciclo itinerante da cultura de café pràticamente terminou, pelo menos dentro das fronteiras do Estado. E mesmo no Norte Paraná plantios já foram executados extensamente, abaixo do paralelo 24, em regiões sujeitas a geadas mais freqüentes além, portanto, do limite das zonas aconselháveis.

Dêsse modo, pode-se dizer que qualquer nova caminhada do café em São Paulo tem de ser feita utilizando terras já cultivadas, seguindo o roteiro já delineado pela conhecida "experiência de Campinas". É certo, pois, que terá de ser praticada uma agricultura mais dependente de apurada técnica agronômica, requerendo, portanto, uma inversão de capital ainda maior, o que, em face da queda nos preços, ainda torna mais complexa essa questão. Isso nos leva considerar com mais atenção as características atuais da lavoura cafeeira, o que fazemos no quadro VIII, acima.

Quadro VIII

DISTRIBUIÇÃO POR IDADE DOS CAFEEIROS EM SÃO PAULO, 1958

Idade em 1958	Época de plantio	Milhões de pés	Distribuição %
0- 3	1956/58	196	13,3
4-12	1946/55	375	25,4
13-28	1930/45	325	22,0
29-40	1918/29	369	25,0
41-50	1908/17	106	7,2
mais de 50	antes 1908	104	7,1

Fontes: Estudo sôbre a Economia da Produção Cafeeira em São Paulo, 1958. *FAO / CEPAL / IBC / SA.*

Idade dos Cafeeiros em S. Paulo

O conhecimento da distribuição dos cafeeiros, por classe de idade, nos fornece indicações bastante precisas sôbre o futuro comportamento dos rendimentos e da produção total. E vamos verificar que ainda é bem grande o número de cafeeiros velhos

pois com mais de 30 anos existem cêrca de 550 milhões de pés — 39,3% do total. São cafeeiros que foram plantados antes da crise da década dos 30. Outro grupo também ponderável é constituído por cafeeiros formados no período de preços baixos — 1930/45, quando provàvelmente foi utilizada uma técnica bastante rotineira de plantio, sendo que atualmente existem cêrca de 320 milhões de pés formados nesse período, representando 22% do total.

Os restantes cafeeiros — 38,7% — é que provàvelmente são responsáveis por parte ponderável de nossa produção, embora na classe de 13 a 28 anos ainda exista parcela sigficativa de árvores em bom estado. De qualquer modo, os intensos plantios realizados ùltimamente, combinados com a erradicação ainda moderada dos cafeeiros pouco produtivos, tiveram o merito de aumentar significativamente a porcentagem das arvores de baixa idade. Assim, em 1958, 13,3% dos cafeeiros não tinham ainda entrado em produção efetiva. É difícil ter-se conhecimento mais preciso do total de lavouras novas formadas segundo a moderna técnica agronômica. De 1948, época em que se verificaram as primeiras tentativas mais intensas nesse sentido, para cá (até 1958) foram plantados cêrca de 440 milhões de pés. No entanto, nesse mesmo período foram ainda realizados extensos plantios nas últimas zonas novas paulistas (Alta Paulista e Alta Araraquarense), onde em grande maioria foram ainda empregadas técnicas rotineiras.

Variedades Cultivadas

Um dos elementos que se dispõe para melhor julgar da penetração da moderna técnica é o plantio feito com as variedades selecionadas mais produtivas. É verdade que vamos encontrar as mais variadas combinações de técnica, desde aquêles que empregam as novas variedades, mas continuam plantando em quadra, sem proteção contra erosão, sem adubação etc., até os que utilizam tôda a técnica recomendada. Em 1958, segundo dados levantados pela pesquisa já citada, existiam no Estado 174 milhões de pés (cêrca de 12%) plantados com a variedade Mundo Novo e 15 milhões com a Caturra. Com a variedade Bourbon, que inclui plantações também feitas, utilizando-se sementes não selecionadas, existem 590 milhões de pés. 0 restante, cêrca de 45%, era plantado com a variedade comum, o que constitui por si só, um fator negativo, pois o simples emprêgo de sementes selecionadas já assegura um maior rendimento. Assim, entre 4 a 6 anos de idade, o rendimento médio encontrado em plantações de Mundo Novo atingia 419 kg por hectare, enquanto nas da variedade comum se obtinha menos de 300 kg. Apesar dessa reconhecida superioridade, ainda se constata que perto de 30% dos novos plantios ainda são feitos com a variedade comum.

Rendimento Agrícola

Um dos melhores elementos de que se dispõe para melhor julgar da potenciabilidade dos nossos cafeeiros é um melhor conhecimento dos rendimentos agrícolas obtidos por contingentes de cafeeiros. É verdade que de um ano para outro e, às vêzes, até mais de um ano, uma série de fatôres — físicos e econômicos — afetam o rendimento. Não há dúvidas, porém, que a idade do café é dos fatôres de mais importância. Existe uma estreita dependência entre a

idade e o rendimento, ocorrendo uma elevação na produção média nos primeiros anos de produção, até atingir-se um período de máximo rendimento, após o qual se verifica um gradativo decréscimo. Pelos resultados da pesquisa citada se determinou que a classe de maior produção foi a de 7 a 9 anos, que apresentou um rendimento de 634 kg por hectare, ou seja, cêrca de 50,6 arrôbas por mil pés. Essa menor idade de máxima produção deve-se a uma generalizada menor técnica empregada no plantio e no cultivo do café. Dessa classe até à de 26/30 anos, o rendimento decresce para 435 kg e depois pràticamente se estabiliza em tôrno de 400 kg por hectare (cêrca de 32 arrôbas por mil pés). A prática de eliminação gradativa dos cafeeiros mais improdutivos talvez seja responsável pelo fato de não terem sido apontadas diminuições sucessivas nos rendimentos para os cafeeiros mais velhos.

Os dados apresentados no quadro IX nos permite ter um bom conhecimento da distribuição de rendimentos médios por contingentes de cafeeiros, ocorrida em 1958. Verifica-se uma grande variação na produção média desde menos de 100 kg por 1.000 pés (6,5 arrôbas) até mais de 3.000 kg (200 arrôbas), tendo a média, nesse ano, se situado em 450 kg por hectare, ou sejam, 150 kg por 1.000 pés (36 arrôbas por 1.000 pés). Observa-se, por êsses dados, o grande contingente de cafeeiros de baixo rendimento, havendo 660 milhões de pés (mais da metade dos cafeeiros adultos) cujos rendimentos estão abaixo de 24 arrôbas por mil pés. Dêsses dados pode-se ressaltar que das 11 milhões de sacas produzidas em 1958, 2,7 milhões foram obtidas em 660 milhões de pés de baixo rendimento e 8,3 (3 vêzes mais), o foram nos outros 640 milhões de pés.

Quadro IX

PRODUÇÃO DE CAFÉ NO ESTADO DE SÃO PAULO, 1958
DISTRIBUIÇÃO DE RENDIMENTOS MÉDIOS POR CONTINGENTE DE CAFEEIROS

Milhões de pés		Rendimento médio Kg/1.000 pés	Arrôbas p/1.000 pés	Produção 1.000 sacas	
210		100	6,5	350	
170		250	16,5	710	
280	660	360	24,0	1.680	2.740
150		480	32,0	1.200	
165		600	40,0	1.650	
90		720	48,0	1.080	
75		840	56,0	1.050	
85		1.050	70,0	1.490	
50		1.350	90,0	1.125	
15		1.650	110,0	360	
10	640	2.000	133,0	335	8.290
TOTAIS	1.300				11.030

Nota: Estimativas baseadas nos resultados da pesquisa realizada pela FAO / CEPAL / IBC / SEC. AGRICULTURA.

(Continua no próximo Boletim)

PRODUÇÃO DE CAFÉ SINTÉTICO

A. Carvalho
Eng. agrônomo

Há alguns meses, a imprensa mundial noticiou com grande realce a possibilidade de se sintetizar o café, com reais prejuizos para a indústria cafeeira de numerosos países. Sôbre o assunto, E. E. Lockhart, diretor científico do Instituto do Preparo do Café, dos EUA, deu várias informações em recente relatório, que foi publicado e comentado na revista francesa "Café Vert" (fev. 1960).

Sabe-se que no Instituto de Pesquisas de Stanford se investigam os componentes do aroma do café e os resultados alcançados pelos técnicos que aí trabalham, possibilitaram as conclusões sôbre o possível preparo do café sintético. Os resultados são realmente valiosos, mas deve salientar-se que pouco ainda se sabe sôbre os componentes que influenciam o gôsto do café e os demais elementos da bebida, pois, é do conjunto dêles que depende, em última análise, a aceitação ou não do café sintético pelo consumidor. Há, aproximadamente, 50 anos se investigam os componentes do aroma e há 30 anos os químicos suiços tentam obter um concentrado de café que conserve o aroma. Os elementos do concentrado foram estudados e mais de 70 dêles foram identificados. Recentemente, os químicos desenvolveram um novo método de análise — a cromatografia de gases — capaz de proporcionar novas informações sôbre o aroma dos produtos. O Instituto do Preparo do Café, patrocinado pelo Escritório Pan-americano do Café e pela Associação Nacional do Café dos EUA, começou logo a utilizá-lo, com resultados promissores, nas pesquisas do aroma do café. Após quatro anos de estudos, obtiveram-se preciosos dados, não sòmente sôbre o aroma mas também sôbre o próprio café. O objetivo das investigações era o de obter dados para elaborar métodos de preparo de café, de torrá-lo de modo a conservar o máximo de aroma e impedir a alteração do torrado. Até o momento, identificaram-se 19 dos componentes do aroma, faltando ainda muitos dêles. As investigações que se tornam ainda necessárias, sabidamente bem mais difíceis, referem-se à determinação das proporções nas quais êsses diferentes elementos devem entrar na mistura sintética. Para a produção comercial do café sintético, há a resolver o fator de estabilidade dos elementos, pois, a mistura pode alterar-se, havendo necessidade de evitar as transformações de modo definitivo.

No café torrado, além do aroma, ocorrem elementos químicos não vo-

láteis dos quais dependem o gôsto e a consistência. Com exceção da cafeina, ácido clorogênico e certos outros elementos, os demais são ainda mal conhecidos. Em vista do conhecimento incompleto dos fatôres que condicionam o aroma e o sabor do café, necessários para a produção do café sintético, torna-se impossível avaliar o custo da substituição dos elementos. Alguns só ocorrem em quantidades mínimas e daí o preço elevado. Não é razoável e nem útil fazer estimativa baseando-se em preços exagerados de certos materiais.

O café sintético poderia rivalizar-se com o café solúvel. No entanto, os problemas técnicos e econômicos, entre os quais o da comercialização, são atualmente tão complexos que não se pode esperar sejam resolvidos em futuro próximo. Dessa fórma, a situação atual não parece alarmante. Apesar disso, a indústria do café não deve assistir passivamente ao desenrolar dos acontecimentos, porque a situação futura poderá realmente agravar-se. Todos, lavradores e torradores, devem efetuar estudos intensivos de sistemas de produção de classificação de tipos e qualidade, com o fim de obter um aroma superior ao do produto normal. Lleras Camargo, da Colômbia, declarou recentemente que não deve haver alarma com o café sintético, mas os países produtores precisam preparar-se para a eventualidade duma séria competição. Para remover essa possibilidade, não há outra solução senão a de fornecer ao consumidor um café natural de tal modo superior ao sintético, que de modo algum êste o possa suplantar. O progresso científico é constante e por isso mesmo o café sintético será provàvelmente produzido. É preciso, porém, usar êsse mesmo progresso científico para a melhoria do café natural. Daí o enorme valor das pesquisas científicas que hoje se fazem, não sòmente das relacionadas com os métodos de produção, como também das que se referem ao preparo do produto, acondicionamento, propaganda e também sôbre o aproveitamento dos subprodutos do café.

(Estado de S. Paulo — Supl. Agrícola — 25-5-60)



IMPORTAÇÕES FRANCESAS DE CAFÉ, JANEIRO A AGÔSTO DE 1960: As compras francesas de café de Janeiro a Agôsto do ano em curso atingiram a 2.340.461 sacas, acusando um decréscimo da ordem de 1,4% em relação a igual período de 1959, segundo revelam os dados divulgados pela George Gordon Paton & Co. Os principais fornecedores, foram os seguintes: a Costa do Marfim, com 806.424 sacas (34,7% do total e mais 2,3% do que de Janeiro a Agôsto de 1959); o Brasil, com 443.727 sacas (19,1% do total e mais 1% do que nos primeiros oito meses de 1959); Madagascar, com 348.720 sacas (15% do total e mais 15,9% do que de Janeiro a Agôsto de 1959); e o Camerum, com 308.820 sacas (13,4% do total e menos 11,9% do que nos primeiros oito meses de 1959).

(Diário do Comércio — S. Paulo — 16-11-960)

ÉPOCA MELHOR PARA O PLANTIO DO CAFEEIRO

PLÍNIO PARREIRA
Eng. agrônomo

A escolha da melhor época para o plantio de uma espécie vegetal qualquer deve merecer dos interessados uma atenção particular. Dela dependerá, em se tratando de culturas anuais, como o milho ou o algodão, a produtividade da lavoura considerada. Tendo-se em conta o caso de lavouras permanentes, como o café, da escolha da época mais adequada para o seu plantio dependerá o melhor aproveitamento das mudas ("pegamento"), o melhor desenvolvimento inicial das plantinhas, a possibilidade de serem estas adubadas em cobertura nos primeiros tempos após a plantação etc. Disso se infere que o plantio de uma lavoura de café, sendo feito em uma ocasião bem apropriada, pode servir, por si só, para conferir à mesma excelentes possibilidades de êxito.

Infelizmente, nossas experimentações científicas, no sentido de se estabelecer, com rigor, uma época "ideal" para o plantio do cafeeiro (e, acrescentemos, de outras culturas permanentes), não são das mais esclarecidas. Costuma-se recomendar, para o caso da rubiácea (e de outras plantas), a "época das águas..." Realmente, considerando-se que a "época das águas" vai de outubro a março (num período aproximado de seis meses), tal expressão não deixa de ser cômoda, se bem que elástica, vaga e imprecisa...

No presente artigo, procuraremos fazer algumas considerações sôbre êste importante assunto, tentando reduzir, se possível, o longo período de 6 meses, a um lapso de tempo menor, que não ultrapasse 60 dias.

Até há alguns tempos, as recomendações oficiais indicavam como a melhor época para o plantio do cafeeiro, o "início das águas", ou sejá, os meses de outubro e novembro. E argumentava-se, justificando a indicação: plantando nessa época, o cafeeiro terá pela frente toda a estação chuvosa, num período de intenso calor; conseqüêntemente, sua vegetação alcançará o máximo de condições ótimas para se processar.

Não endossamos tal recomendação, pelos motivos seguintes: a) pela dificuldade de se conseguirem mudas boas em outubro-novembro. Tratando-se de mudas semeadas em junho-julho, elas difìcilmente estarão em condições de irem para o campo em outubro-novembro. No caso de se utilizarem mudas produzidas no ano anterior (mudas de mais de um ano), estas terão ultrapassado o ponto ótimo de serem plantadas. Serão mudas excessivamente desenvolvidas, cujo sistema radicular, provàvelmente, terá sofrido graves mutilações no viveiro. Além disso, tais mudas estarão muito sujeitas a sofrerem o "dobramento" do pião, na hora do plantio, fato que, mais cedo ou mais tarde, causará o aniquila-

mento da planta. Considere-se, finalmente, que a permanência muito demorada das mudas no viveiro torna-as mais susceptíveis de serem atacadas por pragas daninhas, como é o caso das "cochonilhas" e dos terríveis "pseudococus", b) por motivos de ordem climática. Realmente, nos últimos anos, as precipitações pluviométricas têm sido muito irregulares, no Estado de São Paulo. Haja vista êste ano de 1960, em que, na maioria dos municípios paulistas, as chuvas só se iniciaram nos fins de outubro. Outrossim, são muito freqüêntes, no Estado, períodos de sêca relativamente prolongados, logo após as primeiras chuvas.

Um outro período "ideal" para o plantio do cafeeiro, e que tem sido recomendado por vários técnicos, nêstes últimos anos, é o que preconiza o plantio "no fim das águas", ou seja, nos meses de fevereiro a abril. As vantagens alegadas pelos propugnadores de tal sistema são as seguintes: a) nêsse período, os dias são mais curtos; b) nessa época, o calor é menos intenso. Aliando-se êsses dois fatôres, verificar-se-ia que, o plantio feito no fim da estação chuvosa, visaria a preservar as mudas dos efeitos de uma insolação excessiva, diminuindo, portanto, a incidência de falhas.

Nossos argumentos, contrários a êsse processo de plantio, são os seguintes: a) lembraríamos, primeiramente, que a idéia se difundiu há alguns poucos anos, nos quais, excepcionalmente, ocorreram invulgares precipitações pluviométricas nos meses de abril, maio, junho e até julho, em todo o Estado; o normal é que tais meses sejam muito pouco chuvosos. Dessa maneira, deveremos convir que mudas plantadas no fim da temporada das águas terão poucas probabilidades de serem copiosamente irrigadas pelas águas das chuvas. Assim sendo, a possibilidade da ocorrência de falhas, num cafèzal plantado nessa época, é bastante grande; b) outro fator negativo, ligado a êsse método de plantio, é o seguinte: as mudas plantadas nesses meses terão um período de vegetação inicial muito curto, porquanto, com o advento do inverno, logo após a plantação, suas atividades biológicas ficam bastante restritas. Disso se conclui ser o desenvolvimento de tais mudas, no primeiro ano de vida, relativamente pequeno.

Vejamos agora a nossa opinião sôbre a "melhor época de plantio do cafeeiro. Esta, diga-se de início, não é fruto de experimentos estatísticos, rigorosamente controlados. Apenas é resultante de um razoável número de observações que vimos fazendo, sôbre êsse assunto e vários outros, em um bom número de lavouras cafeeiras do Estado. Indicamos como época mais apropriada para o plantio do café, no Estado de São Paulo, mormente quando se dispuser a proteger as mudas recem-plantadas (1), os meses de dezembro e janeiro, ou seja o plantio "no meio das águas". Para justificar nosso ponto de vista, alinhavamos os seguintes argumentos:

a) nessa época, as mudinhas provenientes de sementes lançadas aos canteiros em junho-julho, e até agôsto, estarão bem desenvolvidas, com uma altura de 15 a 20 centímetros,e seu sistema radicular não terá atravessado o fundo do laminado de 18 cm de altura, que é o recomendado. Teremos assim, e em condições normais, a boa muda na época apropriada para o plantio.

b) na ocasião indicada, habitualmente ocorrem chuvas abundantes, sendo que, a essa altura, as terras deverão estar encharcadas pelas chuvas caidas até então.

c) nesse período, além da umidade abundante, o calor é intenso, sendo, pois, propiciadas às mudas condições excelentes para o seu desenvolvimento, o que, de fato, provoca uma vegetação exuberante.

d) as mudas plantadas em dezembro-janeiro disporão ainda de um bom período chuvoso antes da estação da sêca, o que permitirá sejam feitas nas lavouras, no mínimo duas adubações químicas em cobertura (de acôrdo com as modernas técnicas agronômicas), fato êsse que auxiliará ainda mais o crescimento das mesmas.

A fim de ilustrar êste pequeno trabalho, queremos reproduzir alguns números que colhemos em três propriedades agrícolas diversas, e que dizem respeito à altura de cafeeiros, plantados, em cada fazenda, pelo mesmo método e com os mesmos tipos de mudas, variando apenas a época do plantio.

ALTURA DAS PLANTAS EM 15—10—1960

Propriedade	Plant. em dez. 59 jan. 60	Plantação em fevereiro de 1960
A	0,70 m	0,57 m
B	0,66 m	0,45 m
C	0,75 m	0,52 m
Média	0,703 m	0,513 m

O aumento médio verificado foi de 19 centímetros (37,3%), em 8 a 10 meses após o plantio, a favor das mudas plantadas em dezembro-janeiro. Assinale-se que as mudas foram semeadas na mesma época, em cada propriedade, o que vem corroborar o fato de que, "no campo, as mudas se desenvolvem mais do que no viveiro".

Notou-se ainda que a porcentagem de falhas, nas três propriedades, se bem que pequena, era visìvelmente maior nos talhões plantados em fevereiro, e pràticamente nula nos talhões plantados em dezembro-janeiro.

Finalizando, queremos reafirmar que nossas recomendações são baseadas, exclusivamente, em observações pessoais. A palavra final, como é óbvio, deverá caber aos institutos oficiais.

(Fôlha de S. Paulo — 11-12-60)



JÁ ATINGE 25 MILHÕES DE SACAS A ATUAL SAFRA CAFEEIRA DO PAÍS

J. G. ORSINI

Aparentemente, já estão confirmados os prognósticos que foram feitos acêrca do volume da atual safra cafeeira. Estudando-se o nível dos registros no IBC até 30 de novembro p. passado e reportando-se à participação histórica dêsses registros no total das últimas safras, concluiu-se textualmente que "há boas razões para supor que em 1960/61 o Brasil produza umas 27 milhões de sacas de café ou até mais". Pois bem, a 31 de dezembro último, os registros no IBC já haviam alcançado 25 milhões de sacas.

PERSPECTIVAS PARA O TOTAL DA SAFRA

Deve-se frisar, aliás, que os dados de dezembro vêm pôr em realce um comportamento até certo ponto uniforme no que diz respeito ao rítmo de escoamento das últimas safras. De fato, dezembro tem sido um mês em que os registros de café acusam grande intensidade. A comparação entre as variações de novembro para dezembro, nos últimos anos, atesta essa afirmativa, como se vê no quadro a seguir (cifras em milhões de sacas):

	Registros a 30 de novembro	Registros a 31 de dezembro
1957	14,4	16,6
1958	15,9	19,6
1959	32,9	38,0
1960	20,4	25,0

Após êsses "saltos" no último mês do ano, o movimento em geral arrefece, sendo relativamente reduzidos os acréscimos até o final das safras. Essa constatação nos permite argumentar com uma maior tranquilidade à base da presunção de uma constante nas variações estatísticas no decorrer do tempo.

Assim sendo, medindo-se o grau de participação do café registrado até dezembro em relação ao total das safras, podendo extrair-se algumas conclusões esclarecedoras. É o que se faz a seguir:

	Total da safra (Milhões)	%dos registros de dezembro sôbre o total
1956/57	12,5	80%
1957/58	21,6	77%
1958/59	26,8	73%
1959/60	44,1	86%

Com base nesse critério histórico, poder-se-á elaborar um cálculo sôbre o nível a que deverá chegar a atual safra. Se adotarmos uma taxa média — digamos, 80% — os 25 milhões de sacas registradas até dezembro indicariam que a produção final deverá situar-se em tôrno de 31 milhões. Caso se prefira a taxa de 86% da última safra (por entender-se que certas condições semelhantes às prevalecentes em 1959

e 1960 subsistem no regime de disciplinamento do escoamento da produção de 1960/61, o resultado não se alterará substancialmente, cifrando-se numas 29 milhões de sacas.

INDICAÇÕES PARA 1961/62

Evidentemente, um cálculo dessa natureza está sujeito a receber na prática retificações mais ou menos profundas. Por isso, se, ao lado da frieza dos números, parecer conveniente colocar as observações diretas de experimentados conhecedores da economia cafeeira (em que pese o retumbante malôgro dos cálculos a "olhômetro"), poder-se-ia admitir uma cifra algo inferior à que resulta das indicações estatísticas acima expostas.

De qualquer forma, porém, não será afetado o fenômeno fundamental que estamos presenciando, e que se refere a dois anos consecutivos de produção surpreendentemente elevada em relação às estimativas. Ainda que algumas fraudes (falsos conhecimentos de despacho, reentrega do café de consumo interno etc.) possam ter inflacionado e ainda estejam inflacionando as estatísticas, tudo indica que a importância dêsse fator é relativamente pequena no conjunto. Mesmo porque, para compensá-lo, teríamos de levar em conta a evasão do produto contrabandeado, que, ao que parece, assume proporções bem mais consideráveis.

A potencialidade produtora da economia cafeeira nacional, portanto, parece estar a requerer um exame mais atento por parte dos observadores. Impressionados com fatos de mais imediata constatação — como o arrancamento de árvores decrépitas, cuja produção, no entanto, geralmente é insignificante — talvez muitos setores se estejam descuidando da importância de outros aspectos de maior pêso no dimensionamento das safras, tais como as novas zonas cujos cafèzais estão "chegando" à produção, a recuperação das áreas geadas em 1953 e 1955, o alastramento de melhores tratos às plantações, as renovações que se vão efetuando aqui e acolá etc.

Em face disso tudo, é o caso de perguntar se não seria conveniente rever a opinião, que mais ou menos se generalizou nos meios cafeeiros, de que o Brasil não deve "temer" tão cêdo a repetição de uma safra do porte da que se registrou em 1959/60 (recorde de todos os tempos). Talvez, no interêsse dos próprios produtores e do país, fôsse mais conveniente ir-se criando um ambiente propício ao debate do problema em têrmos de maior realismo.

(Fôlha de S. Paulo — 15-1-961)



ATOS OFICIAIS

INSTITUTO BRASILEIRO DO CAFE'

COMUNICADO N.º 22/61

O Instituto Brasileiro do Café comunica que a Divisão do Material (Compras, Almoxarifado e Engenharia) foi nesta data, transferida da avenida Rodrigues Alves, 129, para o 3.º andar do prédio da rua Sacadura Cabral, 208, nesta cidade.

Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1961

ADOLFO BECKER
Presidente, interino

COMUNICADO N.º 23/61

A Diretoria do Instituto Brasileiro do Café, tendo em vista os têrmos das Resoluções n.ºs 166 e 164, bem como o estoque atual e, ainda, os pedidos formulados pelas entidades de classe, comunica que está procedendo à revenda de farelo de torta de café, enriquecido de adubo fosfatado, na proporção de 50 por cento. O preço é de Cr$ 2,50 por quilo, ensacado, posto vagão, nas usinas de industrialização. Para os srs. cafeicultores, o pagamento poderá ser feito com 20 por cento do valor a vista e o saldo (80 por cento) a 12 meses de prazo, acrescido de juros de 8 por cento ao ano, representada por nota promissória que será posta em Banco para cobrança. Para os demais agricultores, o pagamento total será a vista. Os pedidos e respectivos pagamentos deverão ser feitos diretamente ao nosso Escritório de São Paulo, à rua Boa Vista, 164 — 4.º andar, que fornecerá, na ocasião, a respectiva ordem de entrega para a Usina.

Fica revogado o comunicado n.º 60-48, de 25-5-60.

Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1961

a) — ADOLPHO BECKER
Presidente, interino

RESOLUÇÃO N.º 181

A Diretoria do Instituto Brasileiro do Café, no âmbito das atribuições que lhe são conferidas por lei,
RESOLVE:

Artigo 1.º — Fica prorrogado até 28 de fevereiro do corrente ano, o prazo para faturamento dos cafés objeto das operações de compra de que tratam as Resoluções n.ºs 167, 168, 169 e 170, todas de 7-7-1960, referido em seus artigos 11, 6.º, 7.º e 7.º, respectivamente.

Artigo 2.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1961.

(a) ADOLPHO BECKER
Presidente, interino

RESOLUÇÃO N.º 182

A Diretoria do Instituto Brasileiro do Café no uso das atribuições que lhe são conferidas, com fundamento no que dispõe o art. 13, inciso I, da Lei n.º 1.779, de 22 de dezembro de 1952,

RESOLVE tornar público, para o devido cumprimento, a Resolução n.º 159, de 15-12-60, da Junta Administrativa do IBC:

"Art. 1.º — Fica alterada a redação do item II, do art. 16, da Resolução n.º 163, de 24-6-60, do IBC, que fica assim redigido: "II, — Voluntário, quando for decretada a subsistência total ou parcial do auto, o qual não suspenderá a execução relativamente à parte da infração que fôr julgada procedente, e deverá ser entregue pelo interessado à mesma autoridade julgadora, dentro do prazo de 10 (dez) dias, contados da data do recebimento da comunicação prevista no parágrafo 2.º do art. 15, ou na data da publicação no Diário Oficial do local da infração, caso não seja encontrado o interessado".

Art. 2.º — A presente Resolução entrará em vigor na data de sua publicação".

Rio de Janeiro, 9 de fevereiro de 1961

ADOLPHO BECKER
Presidente, interino

RESOLUÇÃO N.º 183

A Diretoria do Instituto Brasileiro do Café, no uso das atribuições que lhe são conferidas, com fundamento no que dispõe o art. 13, inciso I, da Lei n.º 1.779, de 22 de dezembro de 1952,

RESOLVE tornar público, para o devido cumprimento, a Resolução n.º 160, de 15-12-60, da Junta Administrativa do IBC:

"Art. 1.º — Fica adotado o sistema densimétrico para a fiscalização do café-bebida (infuso).

"Art. 2.º — O sistema densimétrico poderá ser empregado isoladamente, mas não exclui quaisquer outros processos de verificação de fraudes.

Art. 3.º — Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário".

Rio de Janeiro, 9 de fevereiro de 1961.

a) — ADOLPHO BECKER
Presidente, interino

O CAFE' VISTO NOS ESTADOS UNIDOS

(CARTAS SEMANAIS DO ESCRITÓRIO PAN-AMERICANO DO CAFÉ — N. YORK)

Em número recente do **Journal of Commerce** foi publicado o seguinte artigo, sôbre a aproximação dos produtores de café da América Latina e da África:

"Os produtores africanos de café dão a impressão de que estão prontos a cessar a luta em que se achavam empenhados, na competição dos preços contra os seus competidores da América Latina.

De acôrdo com os círculos do comércio de café de Nova York, os africanos tomaram recentemente duas medidas que deverão contribuir para tornar maior a estabilidade dos preços no mercado mundial do café. A primeira medida tomada pelos africanos foi a de que, na maioria, êles aderiram ao Convênio Internacional do Café, e a segunda foi a que adotaram em Paris, no sentido de estabelecer um Bureau Pan-Africano do Café, semelhante à Federação de Cafeicultores Americanos (FEDECAME), organização de produtores latino-americanos.

O Ministro da Agricultura da Costa do Marfim, Sr. Georges Monnet, disse que uma das tarefas mais importantes da organização será a de melhorar os preços atuais dos cafés Robustas. Outros objetivos da entidade, semelhantes aos da FEDECAME, são os seguintes: organizar um calendário de exportação, para se tornar mais oportuna a época das vendas dos cafés; harmonizar a produção dos países membros; instituir procedimentos e padronização para a classificação dos cafés Robustas, e preparar o café para a exportação.

A organização também dará aos produtores africanos uma voz unificada, tornando-os, por conseguinte, participantes de maior pêso nas reuniões do Convênio Internacional do Café.

Os delegados à constituição da nova entidade se reunirão em 5 de Dezembro em Tananarive, República de Malagasy, para ratificar o acôrdo pan-africano e escolher os dirigentes da organização. O Sr. Monnet declarou que futuramente talvez seja aconselhável convidar outros países, fora da África, como a Índia e a Indonésia, para que participem da entidade. Disse também que para a reunião de Tananarive serão convidados observadores dos países africanos que não entraram para o Convênio Internacional do Café, bem como dos mais importantes países importadores de café do resto do mundo.

Entrementes, estão sendo feitos esforços para se tornar mais harmoniosa a união entre os produtores africanos, com o objetivo de se conseguir uma comercialização mais ordenada dos cafés. Segundo se comenta em Nova York, os produtores africanos estão competindo entre si ativamente, baixando os preços para conseguir maiores vendas, ao mesmo tempo competindo com os países produtores da América Latina, com preços muito inferiores aos dos cafés do Brasil, no mercado mundial.

Entretanto, como esfôrço inicial para se diminuir o diferencial entre os Robustas e os cafés do Brasil, os produtores africanos, logo depois da reunião do Convênio Internacional do Café, aumentaram os preços cêrca de 1/4 a 1/2 cent na origem, o que produziu uma onda de compras nos mercados mundiais, registrando-se os maiores preços no mercado de Londres.

Há informações de que o Brasil entrou em contacto com a Costa do Marfim e a África Ocidental Portuguêsa, com o fim de que os produtores dessas regiões aproximassem seus preços dos níveis dos cafés brasileiros, acrescentando-se que, se isso fôsse conseguido, o Brasil abandonaria a sua política esporádica de vender cafés diretamente em grande volume. Essas vendas esporádicas em grande volume, a metade das quais para os produtores de café solúvel, e com desconto, cortaram grandemente a procura dos cafés africanos, usados em grande parte para o mesmo fim.

Uma das condições para que a Costa do Marfim entrasse para o Convênio Internacional do Café foi, aliás, a de que os países latino-americanos não competiriam com os cafés Robustas mediante a venda do produto por preços abaixo dos níveis mínimos. Segundo fontes autorizadas, o Brasil gostaria de que os preços dos cafés da Costa do Marfim e da África Ocidental Portuguêsa se mantivessem, por exemplo, com um diferencial de 7 a 10 cents com relação aos Santos 4, os quais, atualmente, estão sendo vendidos nos arredores de 36 1/2 cents a libra, no mercado dos disponíveis. Os cafés da Costa do Marfim e os 2AA da África Ocidental Portuguêsa estão sendo oferecidos respectivamente a 19 e a 25 1/2 cents para entrega em Outubro.

Ainda há pouco, os Robustas africanos registraram uma alta de 2 a 2 1/2 cents aproximadamente, e os revendedores, na expectativa de maiores altas, estão retendo as suas ofertas. Os Robustas estão com preços bastante firmes, concentrando-se os interêsses dos compradores nos cafés de embarque futuro. (Carta Semanal n.º 1.214 — 14-10-960.)

REDUÇÃO DE IMPOSTOS

O Sr. Mansholt, Vice-Presidente da Comissão da Comunidade Econômica da Europa, falando perante a conferência da Organização Internacional de Alimentação e Agricultura, que se iniciou esta semana na sede das Nações Unidas em Roma, declarou que as nações européias deviam reduzir os impostos com que gravam as mercadorias tropicais tais como o café, o chá e o fumo, uma vez que os países produtores dependem grandemente da exportação dêsses produtos, os quais, aliás, já não simples artigos de luxo para os consumidores europeus. Disse mais o Sr. Mansholt que os países pertencentes à Comunidade Econômica da Europa estão seguindo uma política de preços que se baseia num mercado equilibrado e em subsídios limitados, para de tal modo conseguir resolver os seus mútuos problemas agrícolas.

As conclusões resultantes dos estudo feito pela Comunidade Econômica da Europa, declarou o Sr. Manholt, são mais ou menos as mesmas as que a Organização Internacional de Alimentação e Agricultura apresenta na conferência, isto é, que o aumento das despesas dos consumidores feitas com alimentos não acompanhará o aumento das receitas nacionais em 1965, e que a produção de mercadorias agrícolas aumentará muito mais do que o consumo das mesmas.

O Sr. Mansholt concorda com a entidade da ONU com relação ao tratamento do problema, não achando provável que a questão do aumento da receita agrícola possa ser resolvida simplesmente pelo aumento dos preços. Será necessário racionalizar-se muito mais a produção, com uma redução correspondente da mão de obra agrícola, e, para a consecução de tal fim, os países da Comunidade Econômica da Europa estão procurando desenvolver a indústria regional, já se achando em andamento os estudos correspondentes. Os países da Comunidade Econômicada Europa estão também tratando de adotar uma orientação comum de subsídios limitados, para uma parte apenas da produção, finando o restante da mesma sujeita ao mercado livre. Finalmente, disse o Sr. Mansholt que a Europa, com sua riqueza, se acha obrigada a participar de atividades que sirvam para melhorar as áreas menos desenvolvidas, de modo que os países menos avançados possam, enfim, produzir seus próprios alimentos.

COMENTÁRIO SÔBRE O CAFÉ

O jornal **The Economist**, de Londres, publicou no seu número de 1.º de Outubro um artigo editorial intitulado "Manutenção dos Preços Altos", que transcrevemos a seguir:

"O Convênio Internacional do Café entra nesta data no seu segundo ano de existência, tendo sido conseguidos os seus objetivos limitados, até o presente. A restrição às exportações tem mantido os preços mundiais dos cafés vendidos pelos membros latino-americanos do Convênio: o preço do Santos 4, por exemplo, é atualmente, no mercado dos disponíveis em Nova York, cêrca de 36 1/2 cents a libra, preço um pouco mais alto do que há um ano. Mas as restrições à exportação que os africanos aceitaram não foram mais do que marginais, de modo que os excedentes de Robustas baixaram os preços, baixa essa que foi acentuada pelas vendas especiais feitas pelo Brasil de cafés inferiores por preços de competição com os Robustas. Apesar da sua melhoria recente, os cafés Robustas de Uganda, para pronta entrega em Londres, ainda estão cotados apenas a 18 (US) cents a libra, isto é, 9 cents menos do que há um ano. Em consequência disso, os africanos se convenceram de que deveriam aceitar restrições mais amplas em sua exportação na temporada atual, embora muitos dos produtores esperem que as restrições sejam compensadas pela expansão de suas vendas em novos mercados que não se acham sob o contrôle internacional, e, aceitando maiores restrições, também esperam que o Brasil, por sua vez, coopere, não desequilibrando o mercado dos cafés africanos. Os Territórios da África Oriental Britânica decidiram, além disso, participar diretamente do Convênio Internacional do Café, no ano corrente de vigência do mesmo, em lugar de cooperar informalmente como antes. O Congo, por motivos óbvios, apesar de ser produtor importante, não participou da reunião de Washington. O contrôle das exportações será em geral feita na mesma base anterior: os países podem optar pelas quotas originais ou revistas que tiveram no ano de 1950/60 ou, se suas exportações são inferiores a 2.000.000 de sacas (o que se aplica a todos os países, menos o Brasil e a Colômbia), por uma quota equivalente a 88% da sua produção exportável estimada pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos no mês de Março de 1961. Em geral, os Territórios africanos conseguiram melhores

têrmos, sendo a quota total da África Oriental atualmente de 2.580.000 sacas, ou cêrca de 92% da sua produção exportável, de modo que só terão que reter 200.000 sacas. Os produtores africanos estão tratando de organizar uma associação própria, com o fim de obter maior estabilidade nos preços dos Robustas, mediante sua mútua cooperação na comercialização dos seus cafés, talvez até conseguindo um preço mínimo, e de atuar em conjunto, como um grupo, dentro do Convênio Internacional do Café.

O Convênio Internacional poderá muito bem servir novamente para se estabilizarem os preços dos cafés altino-americanos, êste ano, à custa da acumulação de maiores estoques. A safra do Brasil sofreu com o tempo desfavorável, mas o "carry-over" dos países produtores, no fim desta temporada, será ainda maior — cêrca de 60.000.000 de sacas, ou quase 50% outra vez das importações mundiais, sendo 45.000.000 do Brasil. Estão se demorando muito as medidas efetivas necessárias ao estabelecimento da produção em maior equilíbrio com a procura."

DECLARAÇÕES DO SR. ADOLPHO BECKER

Notícia publicada no Boletim Diário de George Paton, em 11 do corrente: "O Sr. Adolpho Becker, Presidente do Instituto Brasileiro do Café, de visita ao mercado do café de Nova York, manifestou sua satisfação com respeito à assinatura do novo Convênio Internacional do Café, do qual também agora participam outros signatários africanos. O Convênio, disse êle, demonstrou que pode prover a estabilidade dos preços nos mercados internacionais, mediante a limitação das exportações, e, sem dúvida, contribuirá para a descoberta e execução de novos meios para se aumentar o consumo mundial do café. Já passou o tempo, observou o Sr. Becker, em que o Brasil, ou qualquer outro país, encarava isoladamente o problema do café, sendo o Convênio Internacional do Café um programa de atuação mútua, com as responsabilidades partilhadas por todos os participantes, de modo que essa cooperação deve ser ainda mais ampliada, incluindo-se no Convênio os países que não são membros do mesmo, de modo que se tomem medidas no sentido de se tornar permanentes os esforços conjuntos.

Quanto à possibilidade de haver uma mudança radical na política cafeeira do Brasil, com o novo Govêrno, o Sr. Becker declarou que, naturalmente, não podia falar em nome da nova administração, mas, por outro lado, chamou a atenção para o fato de que o programa levado a efeito nos dois últimos anos tem tido resultados considerados como notáveis — programa êsse que está andando bem, como o apôio do público e dos cafeicultores, em geral. Qualquer mudança no câmbio do dólar/café, atualmente no nível de Cr$ 90,00, disse o Sr. Becker, dependerá do que poderá acontecer no câmbio das importações básicas — atualmente no nível de Cr$ 100,00. Quando ao programa de compras do Instituto Brasileiro do Café, disse o Presidente do mesmo que sòmente num período de 30 dias, a partir de 20 de Junho, o IBC comprou 1.800.000 sacas da velha safra de 1959/60, em Paranaguá, não se contando as compras feitas nos outros portos. Acrescentou o Sr. Becker que o IBC provàvelmente comprará cêrca de 5 milhões de sacas da safra atual, 4 milhões das quais já foram compradas no Paraná, achando-se quase no fim as compras de intervenção.

O consumo do café no Brasil está aumentando, disse o Sr. Becker, em consequência da campanha do IBC, sendo que as compras feitas até agora pelo IBC para consumo local indicam que o total do ano corrente será de 4.866.000 sacas. Com respeito ao processamento do expurgo dos cafés das quotas de exportação, o Sr. Becker disse que a procura tem sido boa, especialmente em São Paulo, tendo sido até agora processadas mais de um milhão de sacas; as firmas que atualmente se acham ativas estão extraindo óleos, por preços satisfatórios, não se ocupando mais com a extração da cafeína. Os óleos estão sendo usados ùnicamente na fabricação do sabão, disse o Sr. Becker, embora continuem as pesquisas para a obtenção de óleos comestíveis. Sete firmas de São Paulo solicitaram permissão para fazer o processamento do expurgo do café. Com respeito ao café solúvel, disse o Sr. Becker que ainda não foram tomadas decisões finais relativas aos requerimentos recentemente feitos por firmas brasileiras que desejam construir e operar fábricas de café solúvel.

O Presidente do IBC confirmou o fato de que a safra atual, de 1960/61, pode ser estimada, conservativamente, em 22 milhões de sacas. Apesar das chuvas recentes, especialmente no Paraná, a sêca anterior afetou sèriamente as perspectivas da safra de 1961/62, sendo completamente fora de proporção as estimativas de 50 milhões de sacas. No período de Julho a Setembro de 1960, cêrca de 9.200.000 sacas da safra de 1960/61 foram registradas, disse o Sr. Becker, sendo 3.300.000 em São Paulo, 4.000.000 no Paraná, 800.000 em Minas Gerais, 900.000 no Espírito Santo, e 200.000 em outros Estados.

Com referência aos mercado mundiais, o Presidente do IBC disse que ainda é muito cedo para se saber de que modo o café brasileiro foi recebido na Rússia para o Brasil já excedem o valor dos embarques de café, por uma margem de cêrca de US$4.000.000. Se houvesse cafés solúveis disponíveis, a Rússia teria preferido essa forma de café. O Sr. Becker disse que o IBS havia embarcado 40.000 sacas de café para Hong Kong, como base de estoque de um entreposto naquele pôrto, para fornecimento de abastecimentos de de café para a Austrália, as Filipinas, o Japão e outros mercados do Extremo Oriente."

PROMOÇÃO DO CAFÉ NO REINO UNIDO

A **Coffee Publicity Association**, Ltd., de Londres, informa que está que está iniciando uma intensa campanha de propaganda do café, com a publicação de anúncios nas seis revistas femininas mais importantes do país. Os anúncios, que continuarão a ser publicados nesse programa até o mês de Abril de 1961, têm, segundo declara a referida entidade, todos os elementos de sucesso necessários ao seu objetivo: desenho atraente, tema atual e ensinam às donas de casa como é simples fazer um bom café.

O programa de promoção da "Coffee Publicity Association, Ltd." inclui a publicação de anúncios 53 vêzes em 31 semanas nas seis referidas revistas femininas, as quais têm uma circulação combinada para a cobertura de .... 12.314.000 donas de casa, o que corresponde a 61% do total das donas de casa do país. (Carta Semanal n.º 1.215 — 21-10-960.)



Estatísticas

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XXVI | São Paulo, 28 de Janeiro de 1961 | N.º 421

SAFRA 1960/1961
CAFÉ PAULISTA DESPACHADO PARA SANTOS

Estradas de Ferro	Jul./Nov.	1.ª dezena Dezembro	2.ª dezena Dezembro	3.ª dezena Dezembro	Total
Santos a Jundiaí	59 036	800	480	—	60 316
Sorocabana	892 538	25 548	24 005	16 109	958 200
Paulista	1 598 236	16 865	10 292	15 383	1 640 776
Mojiana	132 052	4 191	5 147	7 553	148 943
Araraquara	363 131	3 556	2 321	1 858	370 866
Bragantina	19 678	1 165	2 432	1 456	24 731
Noroeste do Brasil	623 291	3 072	2 710	2 486	631 559
São Paulo e Minas	8 998	112	—	—	9 110
Central do Brasil	884	343	362	—	1 589
Estrada de Rodagem	921 373	25 952	15 567	12 117	975 009
Total	4 619 217	81 604	63 316	56 962	4 821 099

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO PARA O RIO DE JANEIRO

Quotas	Jul./Nov.	1.ª dezena Dezembro	2.ª dezena Dezembro	3.ª dezena Dezembro	Total
FERROVIÁRIO					
Comum	12 817	—	—	—	12 817
Cons. Int. S. S.	349	—	—	—	349
Exp. S. S.	175	—	—	—	175
Preferencial	57 141	12 105	5 544	13 875	88 665
Cons. Int. Pref. S. S.	5 038	—	—	—	5 038
Exp. Pref. S. S.	2 458	—	—	—	2 458
RODOVIÁRIO					
Cooperativa	1 635	—	—	—	1 635
Comum	108 834	7 160	14 108	1 625	131 727
Cons. Int. S. S.	4 808	—	—	—	4 808
Exp. S. S.	2 408	—	—	—	2 408
Preferencial	2 088	62	—	18	2 168
Total	197 751	19 327	19 652	15 518	252 248

Café Paulista Despachado para Angra dos Reis

Quotas	Jul./Nov.	1.ª dezena Dezembro	2.ª dezena Dezembro	3.ª dezena Dezembro	Total
FERROVIÁRIO					
Comum	5 328	—	—	—	5 328
RODOVIÁRIO					
Despolpado	505	—	—	—	505
Cooperativa	—	—	3 045	2 955	6 000
Comum	365 873	9 714	5 768	5 240	386 595
Cons. Int. S. S.	10 440	—	—	—	10 440
Exp. S. S.	5 209	—	—	—	5 209
Preferencial	4 456	369	—	294	5 119
Total	391 811	10 083	8 813	8 489	419 196

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO PARA NITERÓI

Quotas	Jul./Nov.	1.ª dezena Dezembro	2.ª dezena Dezembro	3.ª dezena Dezembro	Total
RODOVIÁRIO					
Comum	132 057	3 796	1 606	1 615	139 074
Cons. Int. S. S.	3 210	—	—	—	3 210
Expp. S. S.	1 606	—	—	—	1 606
Total	136 873	3 796	1 606	1 615	143 890

CAFÉ PAULISTA DAS SÉRIES CONS. INT. E EXP. DESPACHADO PARA OS REGULADORES

Quotas	Jul./Nov.	1.ª dezena Dezembro	2.ª dezena Dezembro	3.ª dezena Dezembro	Total
Consumo Interno	1 303 965	25 866	18 493	18 022	1366 346
Expurgo	666 711	10 325	7 823	10 147	695 006
Total	1 970 676	36 191	26 316	28 169	2 061 352

TOTAL DOS DESPACHOS DE CAFE PAULISTA POR QUOTAS

Quotas	Jul./Nov.	1.ª dezena Dezembro	2.ª dezena Dezembro	3.ª dezena Dezembro	Total
Despolpado	142 123	713	720	1 231	144 787
Cooperativa	70 893	4 213	6 037	5 745	86 888
Preferencial	1 580 470	38 432	21 581	26 470	1 666 953
Cons. Int. Pref. S. S.	14 867	—	—	—	14 867
Exp. Pref. S. S.	7 290	—	—	—	7 290
Comum	3 462 176	71 452	65 049	49 138	3 647 815
Cons. Int. S. S.	45 171	—	—	—	45 171
Exp. S. S.	22 662	—	—	—	22 662
Consumo Interno	1 303 965	25 866	18 493	18 022	1 366 346
Expurgo	666 711	10 325	7 823	10 147	695 006
Total	**7 316 328**	**151 001**	**119 703**	**110 753**	**7 697 785**

CAFÉ DE OUTROS ESTADOS DESPACHADO PARA SANTOS

"PARANAENSE"

Quotas	Jul./Nov.	1.ª dezena Dezembro	2.ª dezena Dezembro	3.ª dezena Dezembro	Total
FERROVIÁRIO					
Despolpado	195	—	—	—	195
Cooperativa	2 195	—	—	—	2 195
Comum	1 439 634	88 653	59 524	33 039	1 620 850
Cons. Int. S. S.	2 937	—	—	—	2 937
Exp. S. S.	1 466	—	—	—	1 466
Preferencial	25 266	266	—	—	25 532
C. Int. Pref. S. S.	13	—	—	—	13
Exp. Pref. S. S.	6	—	—	—	6
RODOVIÁRIO					
Despolpado	14 263	—	91	67	14 421
Cooperativa	5 691	17	166	—	5 874
Comum	3 989	—	—	—	3 989
Cons. Int. S. S.	154	—	—	—	154
Exp. S. S.	77	—	—	—	77
Preferencial	65 135	1 841	147	350	67 473
C. I. Pref. S. S.	4 724	—	—	—	4 724
Exp. Pref. S. S.	2 362	—	—	—	2 362
Total	**1 568 107**	**90 777**	**59 928**	**(*)33 456**	**1 752 268**

(*) Incompleto.

"MINEIRO"

Quotas	Jul./Nov.	1.ª dezena Dezembro	2.ª dezena Dezembro	3.ª dezena Dezembro	Total
FERROVIÁRIO					
Despolpado	4 178	—	—	—	4 178
Comum	13 375	356	140	105	13 976
Cons. Int. S. S.	60	—	—	—	60
Exp. S. S.	30	—	—	—	30
Preferencial	67 035	507	119	—	67 661
C. Int. Pref. S. S.	991	—	—	—	991
Exp. Pref. S. S.	496	—	—	—	496
RODOVIÁRIO					
Despolpado	75 345	1 424	2 176	751	79 696
Cooperativa	695	140	—	—	835
Comum	279	—	—	—	279
Cons. Int. S. S.	79	—	—	—	79
Exp. S. S.	40	—	—	—	40
Preferencial	141 902	12 112	7 249	6 299	167 562
C. Int. Pref. S. S.	2 432	—	—	—	2 432
Exp. Pref. S. S.	1 340	—	—	—	1 340
Total	308 277	(*)14 539	(*)9 684	(*)7 155	339 655

(*) Incompleto.

"GOIANO"

Quotas	Jul./Nov.	1.ª dezena Dezembro	2.ª dezena Dezembro	3.ª dezena Dezembro	Total
FERROVIÁRIO					
Comum	21 246	850	—	—	22 096
Cons. Int. S. S.	599	—	—	—	599
Exp. S. S.	301	—	—	—	301
RODOVIÁRIO					
Despolpado	120	—	—	—	120
Preferencial	744	—	—	—	744
C. Int. Pref. S. S.	72	—	—	—	72
Exp. Pref. S. S.	36	—	—	—	36
Total	23 118	(*) 850	(*)—	(*)—	23 968

(*) Incompleto.

"MATOGROSSENSE"

Quotas	Jul./Nov.	1.ª dezena Dezembro	2.ª dezena Dezembro	3.ª dezena Dezembro	Total
FERROVIÁRIO					
Comum	48 545	1 354	518	175	50 592
Preferencial	441	—	—	—	441
RODOVIÁRIO					
Preferencial	140	—	—	—	140
Despolpado	504	—	—	—	504
Total	**49 630**	**1 354**	**518**	**175**	**51 677**

Café Fluminense — Rodoviário — 2.ª Outubro 60 — 25 scs. Despolpado

CAFÉ DAS QUOTAS CONS. INT. E EXP. DE OUTROS ESTADOS DESPACHADO PARA OS REGULADORES DÊSTE ESTADO

Quotas	Jul./Nov.	1.ª dezena Dezembro	2.ª dezena Dezembro	3.ª dezena Dezembro	Total
PARANÁ					
Consumo	180 558	5 447	3 753	143	189 901
Expurgo	56 673	494	263	—	57 430
MINAS GERAIS					
Consumo Interno	2 275	30	—	30	2 335
Expurgo	184	15	—	15	214
GOIÁS					
Consumo Interno	55	—	—	—	55
MATO GROSSO					
Consumo Interno	23 269	244	240	213	23 966
Expurgo	19 325	194	125	833	20 477
Total	**282 339**	**6 424**	**4 381**	**1 234**	**294 378**

Movimento do café destinado a Santos

"DESPOLPADO"

SAFRA 1960/1961 (Até 31 de Dezembro de 1960)

Dezenas	Despachado	Liberado	A Liberar
Julho 60 à 3.ª Outubro 60	8 243	8 243	—
1.ª Novembro	203	203	—
2.ª "	127	127	—
3.ª "	122	39	83
1.ª Dezembro	105	—	105
2.ª "	43	—	43
3.ª "	—	—	—
Rodoviário	135 439	122 209	13 230
Total	144 282	130 821	13 461

PREFERENCIAL

Cons. Int. Pref. S. S. — Exp. Pref. S. S.

Dezenas	Preferencial	Cons. Int. Pref. S.S.	Expurgo Pref. S.S.	Total	Liberado	A Liberar
1.ª Julho 60	882	—	—	882	882	—
2.ª "	71 013	830	415	72 258	72 108	150
3.ª "	102 518	1 082	541	104 141	104 141	—
1.ª Agôsto	85 809	169	84	86 062	86 062	—
2.ª "	79 362	368	184	79 914	79 914	—
3.ª "	110 525	1 313	657	112 495	112 475	20
1.ª Setembro	84 192	748	374	85 314	84 796	518
2.ª "	69 894	440	220	70 554	70 554	—
3.ª "	74 785	—	—	74 785	74 637	148
1.ª Outubro	38 970	—	—	38 970	38 690	280
2.ª "	33 054	—	—	33 054	33 054	—
3.ª "	25 905	—	—	25 905	25 137	768
1.ª Novembro	13 148	—	—	13 148	13 017	131
2.ª "	9 209	—	—	9 209	8 649	560
3.ª "	9 876	—	—	9 876	8 667	1 209
1.ª Dezembro	4 765	—	—	4 765	2 121	2 644
2.ª "	4 139	—	—	4 139	239	3 900
3.ª "	4 187	—	—	4 187	—	4 187
Rodoviário	748 768	4 879	2 357	756 004	599 742	156 262
Total	1 571 001	9 829	4 832	1 585 662	1 414 885	170 777

"COOPERATIVA"

Quotas	Despachado	Liberado	A Liberar
Cooperativa — Ferroviário	777	777	—
Cooperativa — Rodoviário............	78 476	62 452	16 024

"COMUM"

Cons. Int. S. S. — Exp. S. S.

Dezenas	Comum	Cons. Int. S. S.	Expurgo S. S.	Total	Liberado	A Liberar
1.ª Julho 60 ...	23 109	1 482	741	25 332	25 332	—
2.ª „	175 382	4 589	2 345	182 316	166 980	15 336
3.ª „	185 358	3 780	1 890	191 028	83 247	107 781
1.ª Agôsto	162 611	3 310	1 655	167 576	—	167 576
2.ª „	166 644	3 706	1 853	172 203	—	172 203
3.ª „	196 222	4 649	2 355	203 226	—	203 226
1.ª Setembro ..	144 721	2 924	1 462	149 107	—	149 107
2.ª „ ...	293 092	1 870	936	295 898	—	295 898
3.ª „ ...	404 762		—	404 762	—	404 762
1.ª Outubro....	277 610	—	—	277 610	—	277 610
2.ª „	304 266	—	—	304 266	—	304 266
3.ª „	211 945	—	—	211 945	—	211 945
1.ª Novembro..	108 527	—	—	108 527	—	108 527
2.ª „ ..	89 156	—	—	89 156	—	89 156
3.ª „ ..	88 853	—	—	88 853	—	88 853
1.ª Dezembro ..	50 782	—	—	50 782	—	50 782
2.ª „ ..	43 567	—	—	43 567	—	43 567
3.ª „ ..	40 658	—	—	40 658	—	40 658
Rodoviário.....	5 009	54	27	5 090	5 090	—
Total	2 972 274	26 364	13 264	3 011 902	280 649	2 731 253



"OUTROS ESTADOS"

Produtores	Despachado	Liberado	A Liberar
PARANÁ			
Comum — Cons. Int. S. S. — Exp. S. S. ..	1 625 253	27 617	1 597 636
Comum — Cons. Int. S. S. — Exp. S. S. Rodov.	4 220	1 370	2 850
Pref. — C. Int. Pref. S. S. — Exp. Pref. S. S.	25 551	25 285	226
Pref. — C. Int. Pref. S. S. — Exp. Pref. S. S. Rodoviário	74 559	64 264	10 295
Cooperativa	2 195	2 195	—
Cooperativa Rodoviário	5 874	3 484	2 390
Despolpado	195	195	—
Despolpado Rodoviário	14 421	13 033	1 388
MINAS GERAIS			
Comum — Cons. Int. S. S. — Exp. S. S. ..	14 066	189	13 877
Comum — Cons. Int. S. S. — Exp. S. S. Rod.	398	398	—
Pref. — C. Int. Pref. S. S. — Exp. Pref. S. S.	69 148	67 759	1 389
Pref. — C. Int. Pref. S. S. — Exp. Pref. S. S. Rodoviário	171 334	100 212	71 122
Cooperativa — Rodoviário	835	695	140
Despolpado	4 178	4 178	—
Despolpado Rodoviário	79 696	65 250	14 446
GOIÁS			
Comum — Cons. Int. S. S. — Exp. S. S. ..	22 996	—	22 996
Pref. — C. Int. Pref. S. S. — Exp. Pref. S. S. Rodoviário	852	454	398
Decpolpado — Rodoviário	120	60	60
MATO GROSSO			
Comum	50 592	5 152	45 440
Preferencial	441	441	—
Preferencial Rodoviário	140	140	—
Despolpado	504	504	—
RIO DE JANEIRO			
Despolpado — Rodoviário	25	25	—
Total	2 167 593	382 900	1 784 693

Substitua progressivamente o seu cafèzal velho e deficitário por um replantio cuidadoso, feito com boas sementes e boas adubações. Defenda o solo da erosão por meio de curvas de nível, cordões, terraços, faixas de vegetação, carpas alternadas.

Colha sòmente os cafés maduros.

Seque e beneficie com cuidado.

MOVIMENTO DE CAFÉ DESTINADO A SANTOS

"DESPOLPADO"

SAFRA 1959/1960 (até 31 de Dezembro de 1960)

Dezenas	Despachado	Liberado	A Liberar
1.ª Julho 59 à 3.ª Junho 60	39 023	39 023	—
Rodoviário	152 306	151 766	540
Total	191 329	190 789	540

"PREFERENCIAL"

Cons. Int. Pref. S. S. — Exp. Pref. S. S.

Dezenas	Pref. C. I. Pref. S.S. Exp. Pref. S. S.	Transf. do Com.	Quotas C. I. P. SS. e EPSS. con. em definitivo	Compr. p/I.B.C.	Liberado	A Liberar
Mês Julho 59 .	822 288	—	—	—	822 288	—
1.ª Agôsto	216 453	—	—	—	216 453	—
2.ª "	220 392	4 074	—	—	220 392	4 074
3.ª "	242 428	5 926	—	204	242 404	5 746
1.ª Setembro ..	178 550	1 176	—	—	178 670	1 056
2.ª " ...	195 257	7 893	—	—	195 257	7 893
3.ª " ...	255 528	5 574	96	—	255 432	5 574
1.ª Outubro....	164 207	5 502	—	—	163 837	5 872
2.ª "	122 973	1 535	—	—	122 401	2 107
3.ª "	117 617	1 584	—	1 218	114 855	3 128
1.ª Novembro..	45 350	2 104	—	1 532	38 423	7 499
2.ª " ..	59 657	2 704	924	1 138	51 402	8 897
3.ª "	37 820	702	—	1 048	33 537	3 937
1.ª Dezembro ..	31 226	642	—	2 271	18 012	11 585
2.ª " ..	23 690	706	—	460	13 305	10 631
3.ª " ..	27 903	234	96	1 466	15 460	11 115
1.ª Janeiro.....	7 725	—	—	—	4 038	3 687
2.ª "	12 399	—	—	525	7 392	4 482
3.ª "	9 113	1 562	78	250	5 087	5 260
1.ª Fevereiro...	9 048	—	—	504	7 211	1 333
2.ª " ...	6 094	636	—	116	4 451	2 163
3.ª " ...	2 320	270	—	156	1 794	640
1.ª Março	1 128	—	—	348	120	660
2.ª "	640	—	—	—	509	131
3.ª "	1 592	—	—	258	1 044	290
1.ª Abril.......	276	—	—	—	156	120
2.ª "	1 168	—	—	168	1 000	—
3.ª "	2 097	—	—	138	1 024	935
Rodoviário.....	704 129	—	—	—	692 197	11 932
Total ...	3 519 068	42 824	1 194	11 800	3 428 151	120 747

NOTA: Do total de café liberado constam 19.121 scs. compradas pelo I.B.C.

"COMUM"

Cons. Int. S. S. — Exp. S. S.

Dezenas	Comum Cons. Int. S. S. Exp. S. S.	Transf. p/Pref.	Quotas C. I. SS. e E. S. S. convert. e definitivo	Comprado p/I.B.C.	Liberado	A Liberar
1.ª Julho 59 ...	462 166	—	—	—	462 166	—
2.ª „	382 099	—	—	—	382 099	—
3.ª „	540 426	—	—	—	539 426	1 000
1.ª Agôsto	468 976	—	—	—	467 626	1 350
2.ª „	458 683	4 074	39 234	16 048	256 086	143 241
3.ª „	500 466	5 926	62 744	38 227	135 980	257 589
1.ª Setembro...	269 081	1 176	20 962	39 131	85 922	121 890
2.ª „ ...	211 529	7 893	10 831	40 091	49 353	103 361
3.ª „ ...	218 171	5 574	15 421	41 512	53 965	101 699
1.ª Outubro....	149 657	5 502	7 987	39 870	20 649	75 649
2.ª „	146 103	1 535	24 491	22 462	12 462	85 153
3.ª „	187 359	1 584	30 439	33 014	16 609	105 713
1.ª Novembro..	74 669	2 104	12 364	16 122	3 959	40 120
2.ª „ ..	67 492	2 704	8 521	17 740	6 416	32 111
3.ª „ ..	42 066	702	5 217	12 534	6 447	17 166
1.ª Dezembro ..	32 006	642	4 129	8 061	3 769	15 405
2.ª „ ..	20 030	706	2 805	6 404	413	9 702
3.ª „ ..	15 614	234	1 515	6 333	1 023	6 509
1.ª Janeiro.....	4 196	—	333	3 079	329	455
2.ª „	10 762	—	168	6 833	1 739	2 022
3.ª „	15 132	1 562	752	4 126	4 090	4 602
1.ª Fvereiro....	8 762	—	96	4 207	1 440	3 019
2.ª „	3 986	636	—	849	226	2 275
3.ª „	2 882	270	—	1 514	96	1 002
1.ª Março	1 922	—	—	560	336	1 026
2.ª „	2 070	—	—	1 650	—	420
3.ª „	596	—	—	215	120	261
1.ª Abril.......	192	—	—	156	—	36
2.ª „	—	—	—	—	—	—
3.ª „	3 887	—	—	2 919	84	884
Rodoviário.....	765 309	—	—	—	758 552	6 757
Total	**5 066 289**	**42 824**	**248 009**	**363 657**	**3 271 382**	**1 140 417**

Procure ler boas publicações sôbre assuntos agrícolas. E consulte os técnicos. Não trabalhe rotineiramente.

"OUTROS ESTADOS"

Produtores	Despachado	Transf. do Con. p/Pref.	Compr. p/I.B.C.	Liberado	A liberar
PARANÁ					
Comum — C. I. SS. — Exp. S. S.	234 409	17 310	36 757	87 613	92 729
Comum — C. I. SS. — Exp. S. S. Rodoviário	96 906	—	—	95 120	1 786
Pref. — CI. Pref. S.S. — E. Pref. SS.	126 492	+ 17 310	330	123 898	19 574
Pref. — CI. Pref. S.S. — E. Pref. SS. Rodoviário	118 318	—	—	117 951	367
Despolpado	3 819	—	—	3 819	—
Despolpado Rodoviário	21 806	—	—	19 376	2 430
MINAS GERAIS					
Comum — C.I. SS. P Exp. SS.	23 628	—	90	5 591	17 947
Comum — C. I. SS. — Exp. SS. Rodoviário	43 721	—	—	41 629	2 092
Pref. — CI. Pref. S.S. — E. Pref. SS.	226 307	—	600	211 070	14 637
Pref. — CI. Pref. S.S. — E. Pref. SS. Rodoviário	101 271	—	—	101 271	—
Despolpado	14 782	—	—	14 782	—
Despolpado Rodoviário	73 360	—	—	73 238	122
GOIÁS					
Comum — C. I. SS. — Exp. SS.	182 457	—	33 251	131 123	18 083
Comum — C. I. SS. — Exp. SS. Rodoviário	41 440	—	—	41 440	—
Pref. — CI. Pref. S.S. — E. Pref. SS.	84 340	—	2 800	81 080	460
Pref. — CI. Pref. S.S. — E. Pref. SS. Rodoviário	23 097	—	—	22 881	216
Despolpado — Rodoviário	98	—	—	98	—
MATO GROSSO					
Comum	26 083	—	7 794	15 217	3 072
Preferencial	524	—	—	524	—
Pref. — CI. Pref. S.S. — E. Pref. SS. Rodoviário	200	—	—	120	80
Despolpado — Rodoviário	843	—	—	843	—
ESTADO DO RIO DE JANEIRO					
Pref. — CI. Pref. S.S. — E. Pref. S.S Rodoviário	30	—	—	30	—
Despolpado — Rodoviário	173	—	—	173	—
ESPÍRITO SANTO					
Despolpado — Rodoviário	255	—	—	255	—
Total	1 444 359	—	81 622	1 189 142	173 595

NOTA: Do total de cafés Paranaense e Goiano liberados, constam, respectivamente, 1 110 e 1 000 sacas compradas pelo I.B.C.

POSIÇÃO ESTATÍSTICA DO CAFÉ NO BRASIL EM 31 DE AGÔSTO DE 1960

SAFRAS 1956/57 a 60/61

Unidade: 1 000 sacas de 60 quilos

ESPECIFICAÇÃO	SAFRAS				
	1956/57	1957/58	1958/59	1959/60	1960/61
I — SALDO VERIFICADO EM 30/6:					
1) a liberar	2 874	60	3 573	3 102	6 887
2) estoque disponível nos portos	3 856	3 613	7 217	3 438	8 768
Total	**6 730**	**3 673**	**10 790**	**6 540**	**15 655**
II — CAFÉ REGISTRADO: (Julho e Agôsto)					
1) café de safras anteriores	39	15	357	21	45
2) café de safra em curso	5 425	7 128	6 325	11 944	4 522
3) Café revertido aos mercados	—	26	98	637	1 122
Total	**5 464**	**7 169**	**6 780**	**12 602**	**5 689**
Total I e II	**12 194**	**10 842**	**17 570**	**19 142**	**21 344**
III — CONSUMO: (Julho e Agôsto)					
1) exportação para o Exterior	4 073	3 428	3 082	4 063	3 428
2) comércio e cabotagem	63	100	165	147	392
3) consumo no Int. e industrializado	7	41	5	27	89
4) café retirado dos mercados	—	3	2 549	165	272
5) consumo nos portos	116	124	110	121	99
Total	**4 259**	**3 696**	**5 911**	**4 523**	**4 280**
IV — EXISTÊNCIA GLOBAL: (Agôsto) (I + II — III) (*)	**7 935**	**7 146**	**11 659**	**14 619**	**17 064**
V — CAFÉ DE SÉRIES EXCEDENTES: (Julho e Agôsto)					
1) Série de Consumo Interno	—	—	1 863	3 565	872
2) Série de Expurgo	—	—	631	1 171	436
Total	—	—	**2 494**	**4 736**	**1 308**
VI — EXISTÊNCIA COMERCIÁVEL EM 31/8: (IV — V) (*)	**7 935**	**7 146**	**9 165**	**9 883**	**15 756**

NOTA: (*) Inclui o café existente nos portos, Armazéns Reguladores e em trânsito. As cifras referentes à safra 1960/61 estão sujeitas a retificação.
Fonte: I.B.C.

Exportação brasileira de café em Janeiro de 1961

Unidade: saca de 60 quilos

PORTOS DE EXPORTAÇÃO	QUANTIDADE EXPORTADA					Total Geral
	Exterior			Consumo de bordo	Cabotagem	
	Estados Unidos	Outros Países	Total			
Santos	194 282	246 946	441 228	395	—	441 623
Rio de Janeiro	165 344	105 102	270 446	18	15 000	285 464
Paranaguá	29 375	11 782	41 157	1	34 500	75 658
Vitória	21 677	69 236	90 913	—	—	90 913
Angra dos Reis	65 599	30 146	95 745	—	—	95 745
Salvador	—	1 889	1 889	—	—	1 889
Recife	—	12 862	12 862	—	—	12 862
Niteroi	74 188	18 962	93 150	—	—	93 150
Total	**550 465**	**496 925**	**1 047 390**	**414**	**49 500**	**1 097 304**

Café disponível nos portos de exportação, em 31 de Janeiro de 1961

Unidade: saca de 60 quilos

PORTOS DE EXPORTAÇÃO	DATA	QUANTIDADE
Santos	25/1	4 102 564
Rio de Janeiro	30/1	1 610 866
Paranaguá	31/1	2 438 848
Vitória	31/1	335 871
Angra dos Reis	31/1	63 175
Salvador	31/1	35 448
Recife	31/1	4 269
Niterói	31/1	207
Total	—	8 591 248

Observação: Cifras sujeitas a retificação.
Fonte: I.B.C.

Exportação Brasileira de Café

SEGUNDO OS PAÍSES DE DESTINO

OUTUBRO E JANEIRO A OUTUBRO DE 1960

I — CAFÉ CRU

DESTINO	MÊS DE OUTUBRO			MESES DE JANEIRO A OUTUBRO		
	Sacas de 60 quilos	Equiv. em mil US$	Valor em mil Cr$	Sacas de 60 quilos	Equiv. em mil US$	Valor em mil Cr$
ÁFRICA:	**4 112**	**124**	**11 119**	**114 991**	**4 102**	**332 622**
Argélia	—	—	—	9 870	309	23 485
Costa do Marfim	—	—	—	125	4	315
Marrocos	1 141	34	3 081	19 629	642	50 168
Moçambique	—	—	—	928	39	3 256
Rep. Árabe Unida	2 300	70	6 209	15 025	478	39 784
Federação de Rodésia	—	—	—	235	10	805
Tânger	—	—	—	12 322	392	31 478
Tunísia	671	20	1 829	5 609	196	15 618
União Sul Africana	—	—	—	51 248	2 032	167 713
AMÉRICA CENTRAL E NORTE:	**599 968**	**25 953**	**2 334 945**	**8 299 323**	**356 803**	**29 141 195**
Antilhas Holandesas	—	—	—	345	14	1 054
Canadá	16 088	700	62 989	257 090	11 216	915 825
Estados Unidos	583 880	25 253	2 271 956	8 041 888	345 573	28 224 316
AMÉRICA DO SUL:	**46 720**	**1 645**	**148 034**	**499 563**	**17 849**	**1 489 365**
Argentina	35 818	1 216	109 428	406 214	14 087	1 170 376
Chile	6 000	264	23 760	67 149	2 753	231 386
Paraguai	—	—	—	8 000	357	32 093
Uruguai	4 902	165	14 846	18 200	652	55 510
ÁSIA:	**26 386**	**1 005**	**90 438**	**167 322**	**6 593**	**568 038**
China Continental	—	—	—	1 666	74	5 645
Chipre	1 175	37	3 329	10 707	352	29 266
Filipinas	—	—	—	1 163	48	3 624
Hong Kong	—	—	—	40 000	1 787	160 775
Irã	—	—	—	100	3	251
Israel	14 643	637	57 392	19 904	869	78 008
Japão	618	28	2 478	33 683	1 507	127 321
Jordânia	1 100	35	3 111	5 566	176	15 153
Líbano	8 850	268	24 128	47 265	1 510	123 966
Turquia	—	—	—	7 268	267	24 029
EUROPA:	**458 836**	**18 845**	**1 695 504**	**5 057 967**	**214 737**	**17 712 003**
Albânia	1 202	52	4 678	2 452	108	8 911
Alemanha Ocidental	64 347	2 781	250 159	614 956	27 034	2 247 781
Alemanha Oriental	25 000	1 035	93 150	195 463	8 749	714 447
Andorra	49	2	175	190	8	634
Áustria	7 208	295	26 531	36 559	1 497	126 937
Bélgica Luxemburgo	31 281	1 259	113 299	271 172	10 984	907 920
Dinamarca	44 210	1 851	166 568	424 161	17 901	1 473 986
Espanha	1 830	64	5 717	124 164	5 344	443 141
Finlândia	64 540	2 527	227 373	336 242	13 296	1 126 671
França	55 550	1 981	178 220	469 618	17 128	1 401 883
Gibraltar	500	15	1 350	15 102	480	38 724

(*Continuação*)

DESTINO	MÊS DE OUTUBRO			MESES DE JANEIRO A OUTUBRO		
	Sacas de 60 quilos	Equiv. em mil US$	Valor em mil Cr$	Sacas de 60 quilos	Equiv. em mil US$	Valor em mil Cr$
Grécia	15 445	584	52 598	52 602	1 996	162 930
Holanda	24 919	1 067	95 878	231 589	1C 055	814 518
Hungria	—	—	—	17 485	772	61 142
Irlanda	50	2	201	170	8	681
Islândia	2 200	88	7 956	24 300	1 022	82 282
Itália	43 186	1 806	162 509	643 002	27 761	2 220 630
Iugoslávia	—	—	—	88 958	4 089	326 242
Malta	175	6	523	275	10	879
Noruega	29 368	1 311	117 938	351 994	15 768	1 294 696
Polônia	—	—	—	36 730	1 713	139 928
Reino Unido	2 329	101	9 118	134 765	5 627	473 759
Rumânia	—	—	—	11 383	555	42 180
Suécia	39 783	1 772	159 419	698 467	31 121	2 574 768
Suíça	5 664	246	22 144	43 285	1 920	157 735
Tchecoslováquia	—	—	—	36 216	1 554	127 253
União Soviética	—	—	—	196 667	8 237	741 345
OCEÂNIA:	**636**	**28**	**2 551**	**6 616**	**292**	**24 192**
Austrália	636	28	2 551	6 297	278	23 058
Nova Zelândia	—	—	—	319	14	1 134
Total	1 136 658	47 600	4 282 591	14 145 782	600 376	49 267 415

II — CAFÉ INDUSTRIALIZADO

DESTINO	MÊS DE OUTUBRO			MESES DE JANEIRO A OUTUBRO		
	Sacas de 60 quilos	Equiv. em mil US$	Valor em mil Cr$	Sacas de 60 quilos	Equiv. em mil US$	Valor em mil Cr$
			CAFÉ SOLÚVEL			
AMÉRICA DO SUL:						
Paraguai	—	—	—	106	3	581
			CAFÉ TORRADO			
AMÉRICA DO NORTE						
Canadá	—	—	—	6	0	26

Observação: 1 saca de café cru equivale, aproximadamente, a 14,5 quilos de café solúvel e a 48 quilos de café torrado.

Fonte: I.B.C.

PRODUÇÃO MUNDIAL EXPORTÁVEL DE CAFÉ 1960/61

COMPARAÇÃO ENTRE A SEGUNDA ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO MUNDIAL EXPORTÁVEL DE 1960 61 E A ÚLTIMA ESTIMATIVA PARA 1959/60

(Em sacas de 60 quilos)

Países	Segunda estimativa para 60/61 (a)	Última estimativa para 59/60 (b)	Diferença entre (a) e (b)	%da diferença entre (a) e (b)
Países do Bureau:				
Brasil	25.000.000	37.000.000	— 12.000.000	— 32,4
Colômbia	7.600.000	7.200.000	+ 400.000	+ 5,6
México	1.400.000	1.475.000	— 75.000	— 5.1
Guatemala	1.275.000	1.375.000	— 100.000	7,3
El Salvador	1.475.000	1.540.000	— 65.000	— 4,2
Venezuela	450.000	400.000	+ 50.000	+ 12,5
Rep. Dominicana	450.000	500.000	— 50.000	— 10,0
Equador	450.000	400.000	+ 50.000	+ 12,5
Costa Rica	1.000.000	825.000	+ 175.000	+ 21,2
Nicarágua	400.000	325.000	+ 75.000	+ 23,1
Honduras	285.000	310.000	— 25.000	— 8,1
Cuba	250.000	225.000	+ 25.000	+ 11,1
Panamá	35.000	25.000	+ 10.000	+ 40,0
Total dos países do Bureau	**40.070.000**	**51.000.000**	**— 11.530.000**	**— 22,3**
Hemisfério Ocidental:				
Peru	440.000	375.000	+ 65.000	+ 17,3
Haiti	400.000	500.000	— 100.000	— 20,0
Outros	290.000	349.000	— 59.000	— 16,9
Total dos outros países do Hemisfério Ocidental	1.130.000	1.224.000	— 94.000	— 7,7
Total do Hemisfério Ocidental	**41.200.000**	**52.824.000**	**— 11.624.000**	**— 22.00**
África:				
Angola	1.875.000	1.650.000	+ 225.0000	+ 13,6
Rep. do Congo e Ruanda Urundi	1.865.000	1.775.000	+ 90.000	+ 5,1
Camarões	535.000	48.000	+ 50.000	+ 10,3
Etiópia	800.000	750.000	+ 50.000	+ 6,7

(*Continua*)

PRODUÇÃO MUNDIAL EXPORTÁVEL DE CAFÉ 1960/61

(Em sacas de 60 quilos)

(*Continuação*)

Países	Segunda estimativa para 60/61 (a)	Última estimativa para 59/60 (b)	Diferença entre (a) e (b)	% da diferença entre (a) e (b)
África Francesa	3.010.000	2.805.000	+ 205.000	+ 7,3
Kenya	500.000	380.000	+ 125.000	+ 31,6
*Madagascar	750.000	700.000	+ 50.000	+ 7,1
Rep. da Guiné	185.000	180.000	+ 5.000	+ 2,8
Tanganica	460.000	420.000	+ 40.000	+ 9,5
Togo	138.000	138.000	*	*
Uganda	2.000.000	1.920.000	+ 80.000	+ 4,2
Outros	294.000	281.000	+ 13.000	+ 4,6
Total da África	**12.412.000**	**11.484.000**	+ **928.000**	+ 8,1
Ásia e Oceânia:				
Índia	300.000	275.000	+ 25.000	+ 9,1
Indonésia	1.400.000	1.200.000	+ 200.000	+ 16,7
Iemem	75.000	75.000	*	*
Outros	76.000	71.000	+ 5.000	+ 7,0
Total da Ásia e da Oceânia	1.851.000	1.621.000	+ 230.000	+ 14,2
Total mundial	**55.463.000**	**65.929.000**	— **10.466.000**	— **15,9**

Não se encontram disponíveis as estimativas para a produção exportável do Congo e de Ruanda Urundi para 1959/60. As estimativas para 1960/61 são de 1.330.000 sacas para o Congo e 535.000 sacas para Ruanda Urundi. Essas duas cifras foram combinadas na Tabela acima para facilidade de comparação.

*Sem alteração.

FONTES: Dados básicos do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, tabela preparada pelo Departamento de Pesquisas e Estatísticas do Bureau Pan-Americano do Café.



EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DA COLÔMBIA PARA A EUROPA

JANEIRO A JULHO — 1959/60

Unidade: Saca de 60 quilos

Destino	Julho – 1960	Janeiro/Julho 1960	Janeiro/Julho 1959
Áustria	—	486	816
Alemanha Ocidental	41 437	292 729	303 288
Alemanha Oriental	—	10 333	8 482
Bélgica	3 675	35 290	54 085
França	408	6 861	9 089
Dinamarca	2 065	11 433	14 292
Finlândia	5 326	28 382	28 624
Grã-Bretanha	6 922	39 251	7 796
Itália	787	15 181	14 717
Holanda	1 692	73 033	67 255
Suécia	12 825	94 420	95 224
Suiça	467	6 302	5 363
Tchecoslováquia	9 100	28 642	17 132
Hungria	—	2 834	501
Bulgária	1 755	18 780	—
Total	86 459	663 957	626 664

Fonte: Café Vert, setembro de 1960.



EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DE ANGOLA

ANOS 1948/1959

Unidade: Saca de 60 quilos

DESTINO	1948	1950	1952	1954	1956	1958	1959
Portugal	212.516	86.850	533.550	137.516	134.433	217.183	201.383
E. U. A.	188.733	209.533	338.000	341.800	505.833	678.700	878.966
Inglaterra	57.733	18.666	80.416	70.850	5.533	25.850	14.133
Alemanha	31.650	36.850	3.450	6.183	17.233	12.516	24.850
Bel.-Luxemb.	116.733	42.683	13.116	9.333	99.516	50.616	31.516
França	—	33.766	4.383	12.150	7.683	1.000	4.000
Itália	833	—	500	216	10.483	1.250	2.700
Noruega	4.166	—	2.083	2.750	7.500	6.850	5.900
Holanda	221.083	96.916	133.750	118.450	296.500	262.250	305.930
Suiça	—	17.200	616	7.900	20.516	17.450	14.380
Outros	400	15.450	7.000	9.333	343.850	296.066	29.750
Total	890.100	626.166	795.200	736.800	1.500.183	1.317.016	1.483.200

Fonte: Escritório Comercial do Brasil em Lisboa — Relatório de 1959.

Cotações de café a têrmo em Nova York

Em cents. por libra-pêso (453,60) - Contrato "B"

NOVEMBRO DE 1960

DIAS	DEZEMBRO		MARÇO - 1961		MAIO - 1961		JULHO - 1961		SETEMBRO - 1961	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
1	36.50	36.41	35.90	35.95	35.61	35.56	34.93	35.16	34.75	34.76
2	36.50	36.35	35.95	35.89	35.70	35.52	35.00	35.09	34.85	34.71
3	36.50	36.34	35.90	35.90	35.60	35.56	N/Cot.	35.11	34.80	34.76
4	36.45	36.34	35.90	35.89	35.65	35.56	35.20	35.11	34.80	34.76
7	36.45	36.30	35.90	35.84	35.62	35.52	35.14	35.07	34.80	34.72
9	36.40	36.15	35.88	35.65	35.60	35.40	35.00	34.90	34.65	34.51
10	36.25	36.11	35.70	35.61	35.40	35.36	34.95	34.90	34.60	34.55
14	36.25	36.21	35.75	35.60	35.20	35.34	34.75	34.90	34.70	34.53
15	36.25	36.05	35.55	35.50	35.35	35.21	34.90	34.77	34.55	34.51
16	36.09	36.16	35.55	35.44	35.30	35.18	34.70	34.81	34.50	34.40
17	36.20	36.11	35.50	35.50	35.30	35.15	34.80	34.80	34.41	34.40
18	36.10	36.00	35.50	35.45	35.15	35.05	34.80	34.75	34.50	34.34
21	36.25	35.95	35.50	35.50	35.10	35.20	34.85	34.80	34.40	34.45
22	36.00	35.15	35.50	35.39	35.20	35.15	34.90	34.70	34.55	34.39
23	35.30	35.31	35.35	35.10	35.20	34.70	34.50	34.50	N Cot.	34.16
25	35.10	35.16	35.20	34.93	34.50	34.54	34.08	34.26	33.95	33.95
28	35.50	35.11	34.90	34.71	34.45	34.36	34.25	33.96	33.95	33.65
29	35.40	35.41	34.78	35.09	34.47	34.65	34.05	34.29	33.90	33.91
30	35.75	35.41	35.20	35.09	34.70	34.65	34.35	34.29	33.93	33.91
Mínima	35.10	35.11	34.78	34.71	34.45	34.36	34.05	33.96	33.90	33.65
Média	36.06	35.89	35.54	35.47	35.50	35.14	34.73	34.74	34.67	34.38
Máxima	36.50	36.41	35.95	35.95	35.70	35.56	35.20	35.16	34.85	34.76

COTAÇÕES DE CAFÉ BRASILEIRO NO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

NOVEMBRO DE 1960

Em cents. por libra-pêso (453,60)

DIAS	SANTOS				RIO
	Tipo 2/3 FOB	Tipo 4 FOB	Tipo 2/3 Disp. N. Y.	Tipo 4 Disp. N. Y.	Tipo 7 Disp. N. Y.
1	35.00	34.00	37.00	36.25	—
2	35.00	34.00	37.00	36.25	—
3	35.00	34.00	37.00	36.25	—
4	35.00	34.00	37.00	36.25	—
7	35.00	34.00	37.00	36.25	—
9	35.00	34.00	37.00	36.25	—
10	35.00	34.00	37.00	36.25	—
14	35.00	34.00	37.00	36.25	—
15	35.00	34.00	37.00	36.25	—
16	35.00	34.00	37.00	36.25	—
17	35.00	34.25	37.00	36.25	—
18	35.00	34.25	37.00	36.25	—
21	35.00	34.25	37.00	36.25	—
22	35.00	34.12	37.00	36.25	—
23	35.00	34.12	37.00	36.25	—
25	35.00	34.12	37.00	36.25	—
28	35.00	34.12	37.00	36.25	—
29	35.00	34.12	37.00	36.25	—
30	35.00	34.12	37.00	36.25	—
Mínima	35.00	34.00	37.00	36.25	—
Média	35.00	34.07	37.00	36.25	—
Máxima	35.00	34.25	37.00	36.25	—

Por maior cuidado que se tenha, as mudas, mesmo depois de transplantadas para os laminados, apresentam tamanhos variados. Antes de fazer a remessa para o campo, onde serão plantadas, é conveniente fazer uma escolha no viveiro, colocando-as por ordem de altura. Assim, cada remessa será de mudas de tamanho uniforme. Aproveita-se a ocasião para retirar as mudas do viveiro e expô-las a pleno sol, durante, pelo menos, quinze dias antes do plantio em local definitivo.

COTAÇÕES DE CAFÉ NÃO BRASILEIRO EM NOVA YORK

MÊS DE NOVEMBRO DE 1960 Em cents por libra-pêso (453,60)

PROCEDÊNCIA	SANTOS					MÉDIA
	3	9	16	23	30	
COLÔMBIA:						
Medelim Excelso ..	44.88	45.00	44.50	44.00	43.75	44.42
Armênia	44.88	45.00	44.50	44.00	43.75	44.42
Manizales	44.88	45.00	44.50	44.00	43.75	44.42
COSTA RICA:						
Hard	N/Cot.	N/Cot.(2)	42.88	42.50	43.00	42.79
Atlantic fino	,,	,,	N/Cot.	41.50	42.00	41.75
EQUADOR:						
Lavado	36.25	37.00	37.00	36.50	36.50	36.65
Extra não lavado ..	29.00	29.00	30.00	30.00	29.50	29.50
GUATEMALA:						
Antigua	N/Cot.	N/Cot.	42.25	42.00	42.00	42.08
Bourbon	,,	,,	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	—
Extra primeira	41.75	41.75	41.50	41.00	40.50	41.30
Lavado bom	42.00	42.00	41.00	40.50	40.00	41.10
HAITÍ:						
Lavado bom mole..	39.50	39.00	39.00	39.00	39.00	39.10
Catado à mão	33.00	32.75	32.75	32.75	32.75	32.80
HONDURAS:						
Lavado bom	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.
Tipo 5 – Comum duro	,,	,,	,,		,,	—
MÉXICO:						
Coatepec	42.50	42.50	42.50	42.50	42.50	42.50
Tapachula primeira.	42.25	(2) 42.25	42.00	41.50	41.50	41.90
NICARÁGUA:						
Matagalpa	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	—
Lavado bom	,,	,,	,,	,,	,,	—
EL SALVADOR:						
Central Standard...	41.75	41.75	41.75	41.75	41.75	41.75
S. DOMINGOS:						
Lavado bom mole..	37.00	37.00	37.00	37.00	37.00	37.00
Fino	38.00	38.00	38.00	38.00	30.50	36.50
VENEZUELA:						
Tachiras	41.75	41.75	41.75	41.75	41.75	41.75
CONGO BELGA:						
Lavado robusta	42.00	42.00	41.00	41.00	41.00	41.40
Natural robusta ...	24.50	24.00	23.50	22.75	22.00	23.35
MOCA:						
Moca arábia	42.00	42.00	41.00	41.25	41.50	41.55
INDONÉSIA:						
Genuino lavado	54.75	54.75	54.75	54.75	54.50	54.70
UGANDA:						
Lavado	21.00	20.50	20.50	20.50	19.50	20.40
ETIÓPIA:						
Harrar	36.00	36.00	37.00	36.50	36.50	36.50
Djima	35.25	35.25	35.50	35.00	35.50	35.30
COSTA DO MARFIM:						
Courant robusta ..	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	—

Observação: (2) As cotações acima se referem a "Desembarcado a vista líquido".

Movimento de café, do estoque disponível, em Santos

OUTUBRO DE 1960

(Unidade: saca de 60 quilos)

DIAS	Liberado	Autorizado para embarque	Vendido	Retirado	Revertido	Embarcado	Estoque Disponível
1........	1 171	9 997	10 078	—	—	8 971	4 100 824
4........	16 338	3 290	97 808	—	—	6 852	4 109 798
5........	13 692	7 691	170 461	—	—	24 044	4 099 296
6........	11 932	4 370	59 818	—	—	7 784	4 103 444
7........	35 191	24 404	87 081	—	—	26 929	4 111 179
8........	15 566	10 171	33 031	—	—	3 395	4 122 630
10........	43 379	32 346	25 841	—	—	36 196	4 128 535
11........	13 844	13 868	35 057	—	—	8 568	4 133 811
12........	30 083	6 024	41 373	—	—	11 718	4 151 556
13........	79 236	12 664	46 323	—	—	8 285	4 222 118
14........	52 046	34 643	44 040	—	—	25 925	4 245 558
15........	15 232	14 049	19 619	—	—	26 152	4 234 638
17........	10 815	41 457	59 509	—	—	39 206	4 204 699
18........	27 327	12 859	29 801	—	—	23 797	4 207 839
19........	19 170	32 738	33 252	—	—	30 836	4 195 639
20........	25 243	17 784	58 796	—	—	18 012	4 202 009
21	93 708	53 460	35 588	—	—	57 337	4 238 379
22........	2 333	11 340	69 707	—	—	7 175	4 233 475
24........	59 902	11 617	30 739	—	—	12 193	4 281 082
25........	28 273	6 084	33 514	—	—	13 327	4 296 028
26........	13 548	17 142	24 795	—	—	16 136	4 293 428
27........	39 756	58 039	21 948	—	—	58 888	4 271 526
28........	—	20 554	17 531	—	—	—	4 271 526
29........	7 199	12 555	10 031	—	—	25 187	4 253 537
31........	56 562	2 405	8 033	—	—	970	4 307 879
Total ..	711 546	471 551	1 103 774	—	—	497 683	—

Para poder competir, na concorrência mundial, precisamos conseguir dois objetivos: **maior produção por cafeeiro** (rendimento) e **melhor qualidade**, à base de colheita, secagem e beneficiamento cuidadosos.

Movimento de café na praça de Santos

NOVEMBRO DE 1960

Unidade: Sacas de 60 quilos

DIAS	ENTRADA POR PROCEDÊNCIA					Total	ENTRADAS POR VIAS			Embar-cado	Rever-tido	Estoque Físico
	Paulista	Mineiro	Goiano	Para-naense	Mato-grossense		E.F.S.J.	E.F.S.	Rodovia			
3	—	—	—	—	—	320	—	—	320	—	842	4 979 036
4	—	—	—	—	—	283	—	—	283	—	36	4 979 355
5	14 373	326	—	—	—	16 982	8 959	5 740	2 283	602	9	4 995 744
7	9 237	1 690	—	—	—	19 613	7 086	3 841	8 686	63 582	18	4 951 793
8	6 764	1 394	—	602	—	22 104	5 489	3 271	13 344	65 222	100	4 908 775
9	—	—	—	—	—	14 360	—	—	14 360	46 341	117	4 876 911
10	—	—	—	—	—	11 113	—	—	11 163	14 726	229	4 873 577
11	5 646	2 823	—	—	—	17 913	—	8 469	9 444	31 662	143	4 859 971
12	2 732	210	—	—	—	7 008	—	2 942	4 066	18 906	9	4 848 082
14	4 803	3 150	—	—	—	17 010	7 953	—	9 057	23 998	15	4 841 109
16	15 173	3 181	—	—	—	33 401	15 431	2 923	15 047	38 086	258	4 836 662
17	—	1 038	—	—	—	6 760	—	1 038	5 722	31 918	24	4 811 528
18	9 629	1 350	—	465	—	22 448	9 261	2 183	11 004	25 570	21	4 808 427
19	6 295	735	—	—	—	9 227	—	7 030	2 197	37 876	6	4 779 784
21	3 248	980	—	—	—	10 435	4 228	—	6 207	8 542	77	4 781 754
22	3 977	889	—	—	—	11 671	3 368	1 498	6 805	10 983	150	4 782 592
23	—	—	—	—	—	6 720	—	—	6 720	20 023	18	4 769 307
24	5 991	1 511	—	—	—	13 843	4821	2 681	6 341	9 376	23	4 773 797
25	—	—	—	—	—	8 550	—	—	8 550	100	133	4 782 380
26	—	—	—	—	—	1 831	—	—	1 831	14 160	63	4 770 114
28	2 319	—	—	168	—	10 559	—	2 487	8 072	11 047	46	4 769 672
29	3 321	2 278	—	—	—	12 181	3 568	2 031	6 582	10 496	1 221	4 772 578
30	—	—	—	—	—	6 957	—	—	6 957	3 280	68 296	4 844 551
Total	93 508	21 555	—	1 235	—	281 339	70 164	46 134	165 041	486 496	71 834	—

Câmbio em Nova York sôbre o Rio de Janeiro

DEZEMBRO DE 1960

DIAS	Rio de Janeiro Dólar/Cr$	DIAS	Rio de Janeiro Dólar/Cr$
1	0,00 54	21	0,00 50
2	0,00 54	22	0,00 50
5	0,00 54	23	0,00 50
6	0,00 53	27	0,00 50
7	0,00 53	28	0,00 50
8	0,00 53	29	0,00 50
9	0,00 53	30	0,00 50
12	0,00 53		
13	0,00 50		
14	0,00 50		
15	0,00 51		
16	0,00 51	**Mínima**	**0,00 50**
19	0,00 51	**Média**	**0,00 51**
20	0,00 51	**Máxima**	**0,00 54**

JANEIRO DE 1961

DIAS	Rio de Janeiro Cr$	DIAS	Rio de Janeiro Cr$
3	0,00 50	23	0,00 45
4	0,00 50	24	0,00 46
5	0,00 50	25	0,00 46
6	0,00 49	26	0,00 47
9	0,00 49	27	0,00 47
10	0,00 49	30	0,00 45
11	0,00 49	31	0,00 44
12	0,00 48		
13	0,00 48		
16	0,00 48		
17	0,00 48		
18	0,00 43	Mínima	0,00 43
19	0,00 44	Média	0,00 47
20	0,00 44	Máxima	0,00 50

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

I — MERCADO OFICIAL — VENDAS A VISTA

DEZEMBRO DE 1960

DIAS	Londres Libra	N. York Dólar	Suiça franco	Portugal Escudo	Argentina Pêso	Uruguai Pêso	Chile Pêso	Suécia Coroa	Holanda Florim
1	53 22 01	18 92 00	4 39 85	0 66 98	—	1 71 98	—	3 66 16	5 02 19
2	53 22 76	18 92 00	4 39 66	0 66 98	—	1 71 98	—	3 66 22	5 02 27
3	53 22 76	18 92 00	4 39 89	0 66 98	—	1 71 98	—	3 66 20	5 02 23
5	53 22 76	18 92 00	4 39 89	0 66 98	—	1 71 98	—	3 66 20	5 02 23
6	53 22 01	18 92 00	4 39 95	0 66 98	—	1 71 98	—	3 66 20	5 02 12
7	53 21 25	18 92 00	4 40 02	0 66 98	—	1 71 98	—	3 66 10	5 02 14
9	53 21 25	18 92 00	4 40 06	0 66 98	—	1 72 17	—	3 66 10	5 02 23
10	53 19 36	18 92 00	4 39 80	0 66 98	—	1 72 17	—	3 66 10	5 02 23
12	53 19 36	18 92 00	4 39 80	0 66 98	—	1 72 17	—	3 66 10	5 02 23
13	53 17 84	18 92 00	4 40 02	0 66 79	—	1 74 06	—	3 66 16	5 02 36
14	53 15 76	18 92 00	4 40 02	0 66 79	—	1 75 96	—	3 66 18	5 02 38
15	53 17 84	18 92 00	4 39 80	0 66 79	—	1 75 96	—	3 66 18	5 02 38
16	53 19 36	18 92 00	4 39 80	0 66 79	—	1 75 01	—	3 66 18	5 02 21
17	53 14 63	18 92 00	4 39 80	0 66 79	—	1 75 01	—	3 66 18	5 02 21
19	53 14 63	18 92 00	4 39 80	0 66 79	—	1 75 01	—	3 66 18	5 02 21
20	53 15 76	18 92 00	4 40 02	0 66 79	—	1 74 63	—	3 66 27	5 02 42
21	53 17 47	18 92 00	4 30 04	0 66 79	—	1 74 63	—	3 66 59	5 02 42
22	53 17 84	18 92 00	4 30 04	0 66 79	—	1 74 63	—	3 66 76	5 02 40
23	53 17 84	18 92 00	4 30 04	0 66 79	—	1 74 63	—	3 66 76	5 02 40
24	53 13 87	18 92 00	4 40 06	0 66 79	—	1 74 63	—	3 66 76	5 02 42
26	53 12 87	18 92 00	4 40 06	0 66 79	—	1 74 63	—	3 66 76	5 02 42
27	53 12 87	18 92 00	4 40 06	0 66 79	—	1 74 63	—	3 66 76	5 02 42
28	53 15 20	18 92 00	4 40 06	0 66 79	—	1 74 63	—	3 66 76	5 02 40
29	53 13 87	18 92 00	4 40 06	0 66 79	—	1 75 01	—	3 66 76	5 02 40
30	53 11 79	18 92 00	4 40 00	0 66 79	—	1 75 01	—	3 66 67	5 02 40
31	53 10 28	18 92 00	4 40 04	0 66 79	—	1 75 01	—	3 66 48	5 02 38
Mínima	53 10 28	18 92 00	4 30 04	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 10	5 02 12
Média	53 17 43	18 92 00	4 38 79	0 66 85	—	1 73 90	—	3 66 37	5 02 31
Máxima	53 22 76	18 92 00	4 40 06	0 66 98	—	1 75 96	—	3 66 76	5 02 42

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

II — MERCADO OFICIAL — COMPRAS A VISTA DEZEMBRO DE 1960

DIAS	Londres Libra	N. York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Pêso	Uruguai Pêso	Chile Pêso	Suécia Coroa	Holanda Florim
1	51 59 89	18 36 00	4 26 28	0 64 44	—	1 65 97	—	3 54 95	4 86 78
2	51 60 63	18 36 00	4 26 10	0 64 44	—	1 65 97	—	3 55 01	4 86 85
3	51 60 63	18 36 00	4 26 32	0 64 44	—	1 65 97	—	3 54 99	4 86 82
5	51 60 63	18 36 00	4 26 32	0 64 44	—	1 65 97	—	3 54 99	4 86 82
6	51 59 89	18 36 00	4 26 37	0 64 44	—	1 65 97	—	3 54 99	4 86 71
7	51 59 16	18 36 00	4 26 45	0 64 44	—	1 65 97	—	3 54 90	4 86 72
9	51 59 16	18 36 00	4 26 48	0 64 44	—	1 66 12	—	3 54 90	4 86 82
10	51 54 57	18 36 00	4 26 25	0 64 44	—	1 66 12	—	3 54 90	4 86 82
12	51 54 57	18 36 00	4 26 25	0 64 26	—	1 66 12	—	3 54 90	4 86 82
13	51 54 94	18 36 00	4 26 75	0 64 26	—	1 65 24	—	3 54 95	4 86 94
14	51 52 92	18 36 00	4 26 45	0 64 26	—	1 66 16	—	3 54 97	4 86 96
15	51 54 94	18 36 00	4 26 32	0 64 26	—	1 66 16	—	3 54 79	4 86 96
16	51 55 49	18 36 00	4 26 52	0 64 26	—	1 65 24	—	3 54 79	4 86 82
17	51 49 98	18 36 00	4 26 23	0 64 26	—	1 65 24	—	3 54 79	4 86 82
19	51 49 98	18 36 00	4 26 23	0 64 26	—	1 65 24	—	3 54 79	4 86 82
20	51 52 90	18 36 00	4 26 45	0 64 26	—	1 65 79	—	3 55 06	4 87 00
21	51 54 57	18 36 00	4 26 47	0 64 26	—	1 65 79	—	3 55 38	4 87 00
22	51 54 94	18 36 00	4 26 47	0 64 26	—	1 65 79	—	3 55 54	4 86 98
23	51 54 94	18 36 00	4 26 47	0 64 26	—	1 65 79	—	3 55 54	4 86 98
24	51 51 08	18 36 00	4 26 48	0 64 26	—	1 65 79	—	3 55 54	4 87 00
26	51 51 08	18 36 00	4 26 48	0 64 26	—	1 65 79	—	3 55 54	4 87 00
27	51 51 08	18 36 00	4 26 48	0 64 26	—	1 65 79	—	3 55 54	4 87 00
28	51 52 37	18 36 00	4 26 48	0 64 26	—	1 65 79	—	3 55 54	4 87 00
29	51 51 08	18 36 00	4 26 48	0 64 26	—	1 66 16	—	3 55 54	4 87 00
30	51 49 06	18 36 00	4 26 43	0 64 26	—	1 66 16	—	3 55 45	4 87 00
31	51 47 59	18 36 00	4 26 47	0 64 26	—	1 66 16	—	3 55 27	4 86 96
Mínima	51 47 59	18 36 00	4 26 10	0 64 26	—	1 65 24	—	3 54 79	4 86 71
Média	51 54 54	18 36 00	4 26 35	0 64 32	—	1 65 85	—	3 55 13	4 86 90
Máxima	51 60 63	18 36 00	4 26 75	0 64 44	—	1 66 16	—	3 55 54	4 87 00

ÍNDICE

BALANCETE DA RECEITA E DESPESA DO PATRIMÔN

EM 30 DE ABI

RECEITA			
	Cr$	Cr$	Cr$
RECEITA ORDINÁRIA			
Ordinária			
Extraordinária			
RECEITA EXTRAORDINÁRIA			
SALDOS DO EXERCÍCIO ANTERIOR			
Tributária	19.372.033,60		
Patrimonial	27.248.827,50		
Industrial	11.500,00	46.632.361,10	
Diversos		5.567.216,20	52.199.577,3(
Taxa-Ouro		75,20	
Depositos		81.887,50	
Diversos		32.372.817,60	32.454.780,3(
			84.654.357,6(
SALDOS DO EXERCÍCIO ANTERIOR			
Em Bancos		196.135.392,30	
Em Caixa		167.335,00	
Correspondente no Estrangeiro		14.341.600,00	210.644.327,3(
			295.298.684,9(

Departamento de Contabilidade, 30 de abril de 1960.

Visto

WALDEMAR CAMARGO ABREU
Chefe do Departamento de Contabilidade — Substituto — G. Livros — CRC. — Sp. n. 5159

GARCIA NEVES DE MOR/
JUNIOR
Gerente Substituto

O DO INSTITUTO DE CAFE' DO ESTADO DE SÃO PAULO

IL DE 1960

DESPESA

	Cr$	Cr$	Cr$
DESPESA ORÇAMENTÁRIA			
Serviço da Dívida Fundada	14.476.877,30		
Encargos Diversos	118.078,30		
Administração Imobiliária ..	2.604.207,10		
Administração	2.008.784,30		
Administração	2.008.784,30	19.207.947,00	
CRÉDITOS ADICIONAIS			
Créditos Especiais			
Decreto n. 36.367 de 9-3-60		10.000.000,00	29.207.947,00
DESPESA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Restos a Pagar — 1958		98.514,80	
Restos a Pagar — 1959		36.514.293,60	
Depósitos		10.000,00	
Diversos		5.313.581,20	41.936.389,60
			71.144.336,60
SALDOS PARA O MÊS SEGUINTE			
Em Bancos		223.724.005,60	
Em Caixa		430.342,70	224.154.348,30
			295.298.684,90

ES FORJAZ

Visto
Auditoria da Fazenda, 7-1-60
DEMÉTRIO VIEIRA DANESE
Auditor da Secretaria da Fazenda
Diretor — CRC. — Sp. 476

